N.º 8 ★ 22-2-51
Cr$ 3,00
em todo o Brasil

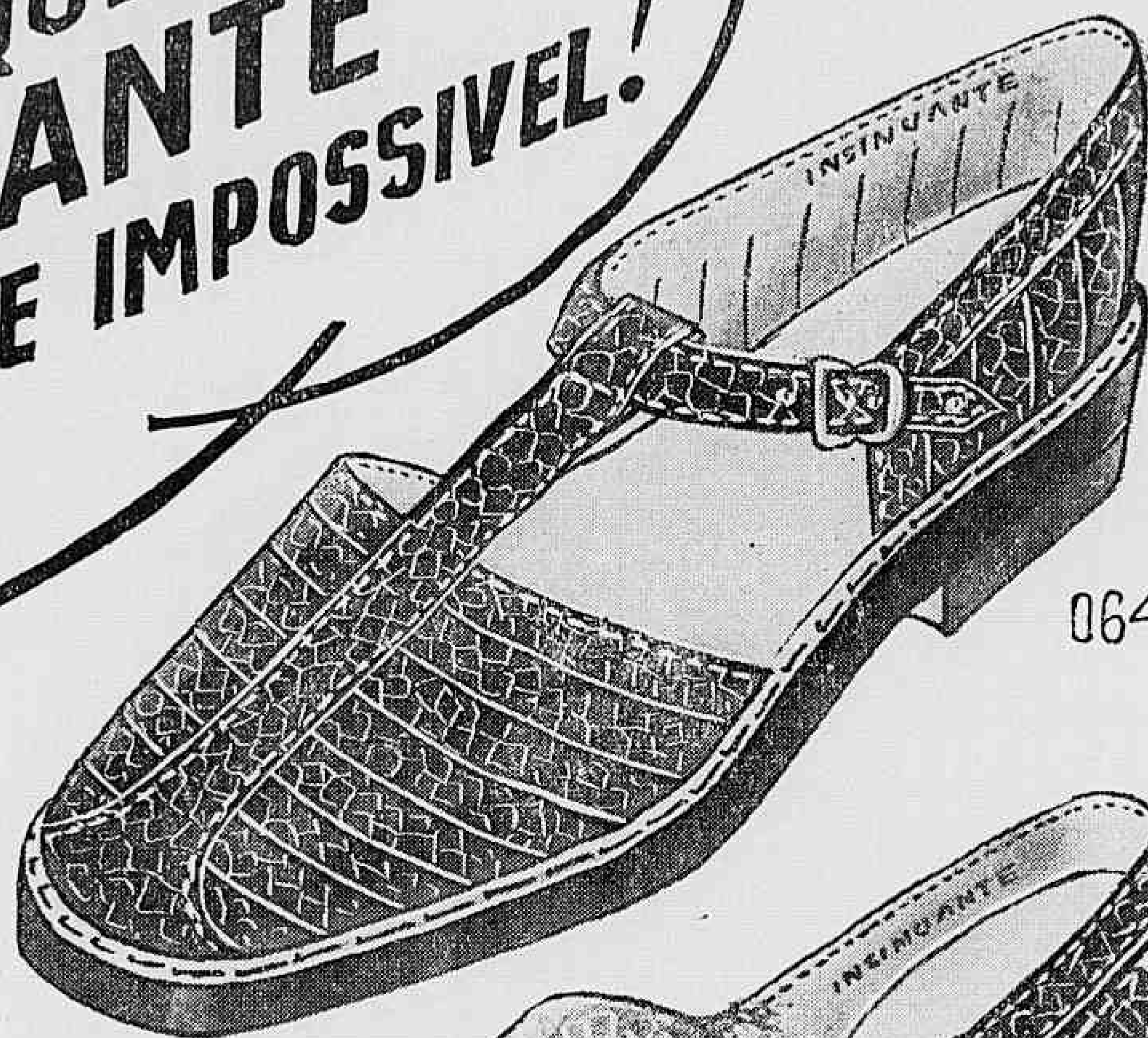


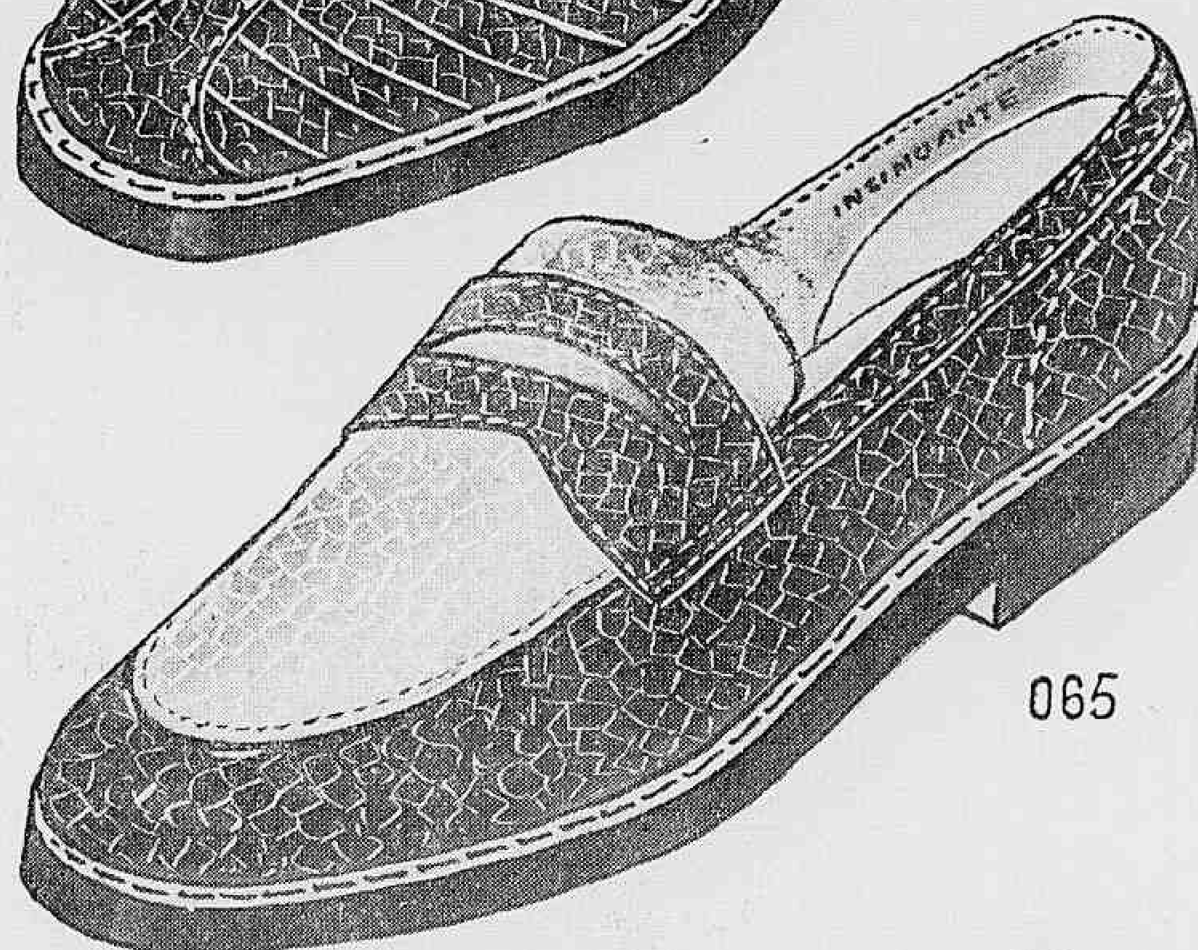
A CENA muda

RÁDIO
CINEMA
MÚSICA
VARIEDADES



COMPRAR POR MENOS
É HUMANO! MAS, ...
...POR MENOS QUE NA
INSINUANTE
É HUMANAMENTE IMPOSSIVEL!





064 — Cr$ 98,00. Ótimo sapato-sandália, estampado vinho, com salto de borracha. 100 % másculo. Numeração de 36 a 44.

065 — Cr$ 98,00. Formidável sapato marron c/branco para êste verão com salto de borracha. Numeração de 36 a 44.

Não trabalhamos com reembôlso postal. Remetemos para todo o Brasil, porte 5 cruzeiros.

insinuante

Devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende!

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA, É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.

CARIOCA, 46-48 — 7 de SETEMBRO, 199-201

AT. SEMDG.

A CENA muda

Semanário de ARTE
ANO 30 ★ N.º 8, de
22 de fevereiro de 1951

★

SUMÁRIO

Silvana Mangano e outras celebridades (Leon Eliachar). 3
Completamente Carmen Miranda (Waldemar Torres... 4
Van Heflin 8
Quais os melhores de 50? (enquête) 9
Abrindo o caminho a fogo (cine-romance) 10
Um estúdio por dentro....... 12
Lisabeth Scott (Paramount).. 13
Antologia dos cronistas cariocas (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 14
Joseph Cotten (Paramount).. 15
Rio x S. Paulo (Juventino Legitimo Filho) 16
Movimento nos estúdios....... 18
Rádio (Armando Migueis).... 20
(Close-up) 22
Acusam Victório de Sica (Lionel Araújo) 23
Bárbara Stanwyck (Paramunt) 22
Correio do fã 23
Danny Kaye 24
Crônica de Buenos Aires (Alberto Conrado) 27
Cine-Teste 27
Telas da cidade 28
Melodias para você 29
Arquivo (Brooklyn Jack) 32
Música (Oswaldo Cunha) 33
Pausa para meditação 34
Notícias 34

CAPA
ESTELITA RODRIGUES
(Republic)

•

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

VISITAS AO RIO

SILVANA MANGANO E OUTRAS CELEBRIDADES

GRANDE movimento no aeroporto. Chegou Silvana Mangano, precedida de farta publicidade da Art-Films, a propósito do lançamento de "Arroz Amargo". Mangano, que foi Miss Itália de 1948, é casada e tem um filhinho — e tudo isso com 19 anos de idade. Apenas. Sua presença fêz com que o arroz amargo ficasse doce... Independente disso, Dorothy Malone, estrelinha da Warner, que teve o prazer de contracenar com Humphrey Bogart (ou vice-versa), arrumou suas malas para regressar a Hollywood, depois de dizer, como tôdas as outras que aqui chegam, que "Copacabana é uma das mais belas praias do mundo...". Sempre às ordens, senhorita.

Ricardo Montalban também aqui estêve, tendo mesmo dado algumas voltinhas nos palcos dos três Cines-Metro. Distribuiu sorrisos e autógrafos, comprovando o quanto é amável e popular. Pena que Ricardo seja casado, do contrário não faltariam carioquinhas que lhe quisessem ensinar o caminho de volta.

Cantinflas, o popular ator cômico mexicano, considerado por muitos como uma segunda edição de Chaplin, também veio ao Rio. Dizem que para conhecer de perto o famoso Oscarito, com ou sem aviso aos navegantes...

Um grupo de cartazes franceses, de passagem pelo Rio, com destino ao Uruguai, onde assistirão ao Festival Cinematográfico, prometeram voltar breve. São êles: Jean Cocteau (A Bela e a Fera), Yves Allegret (Escravas do Amor), Gérard Phillipe (Adúltera), Nicole Courcel (Paixão Abrasadora), Marcelle Rennier (O Silêncio é de Ouro), Renée Cossima (Vítimas do Destino).

Gary Cooper também "pousou" no Rio, cêrca de uma hora. Pouca gente soube de sua presença. Gary também tinha itinerário certo: Festival do Uruguai.

Mas, quase ninguém tomou conhecimento de tantas celebridades. Porque Silvana Mangano, com sua beleza de menina simples, cativou a simpatia de todos. E abafou. Tanto que nem sentimos a refrigeração do cinema. Nem as pulgas que, àquelas horas, encontraram bom abrigo nas robustas pernas da atriz italiana.

★

Grande movimento no aeroporto. Agora para "uso interno". As companhias que fazem o trajeto Rio — São Paulo continuam transportando artistas cariocas para os estúdios paulistas. De lá, partem "caçadores de talentos"; de cá, embarcam artistas à procura de uma "chance" que não conseguiram no Rio, estrelando filmes carnavalescos. São Paulo pretende acabar com o "carnaval" que é o cinema nacional, nem que seja na presença de Anita — enquanto a Atlântida enfrenta tôdas as ondas, fazendo um aviso aos navegantes: "Cuidado, meninos, que a coisa é mais séria do que parece". Mas ninguém tem mêdo. Novos estúdios são erguidos com intenções de fazer "cinema sério" — a despeito mesmo do exemplo de Cavalcânti com seu "Caiçara". Do sul sopra o vento norte, do norte os garimpos procuram lapidar o cascalho do celulóide indígena. E, enquanto as câmaras rodam, num recanto da Hollywood paulista, alguns homens assobiam plàcidamente o "Tico-Tico no Fubá". E o páreo continua firme: cada qual tentando fazer cinema "menos pior" do que o outro. Mas um dia tudo ficará normalizado, pois já andam anunciando por aí que o seu dia chegará...

leon eliachar



Quando Mickey Rooney filmou "Calouros na Broadway" (Babes on Broadway), imitou Carmen Miranda... e com muito "môlho"! Carmen foi, em pessoa, aos estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer, dar-lhe uns retoquezinhos. Isso aconteceu há alguns anos, mas o prestígio pessoal de Carmen entre a gente de cinema, continua grandíssimo.

x56

Completamente Carmen Miranda

De WALDEMAR TORRE, especial para A CENA

— **Completamente!**

Era Carmen Miranda, pelo telefone Crestview 5-2354, quem me dizia essa palavra, querendo dizer que ela atenderia com prazer ao meu pedido de autografar algumas fotografias para alguns fãs, amigos nossos. À tarde, quando passei por sua casa, encontrei Carmen *completamente* à minha disposição, de fato.

Porque tudo quanto Camen faz — é completamente que ela o faz. E *completamente* — por isso, é uma palavra que faz parte de seu vocabulário a qualquer hora. Principalmente para exprimir aquela sua boa-vontade para tudo quando seja brasileiro, para qualquer coisa que envolva o Brasil ou um produto em carne e osso desta terra.

★

Acho que pouca gente tem idéia do serviço que Carmen Miranda presta ao Brasil através de seu trabalho nos palcos norte-americanos, diante de platéias sempre superlotadas. E' preciso considerar que já não misturam Brasil com Argentina, Rio de Janeiro com Buenos Aires, e estou apostando que tudo isso é resultado da propaganda que Carmen Miranda faz de nossa terra. Carmen apresenta nossos sambas — alguns para maior resultado, com letras em inglês — antecedendo-os sempre de uma explicação, de algumas palavras sôbre suas intenções, seu "enrêdo", seu "mistério", talvez mesmo sua "mensagem". Ao mesmo tempo, naquele bom-humor muito seu, naquela facilidade de falar e pôr tôda a gente bem à vontade — característica também muito mirandescas — Carmen Miranda fala da cidade, do ambiente a que se refere o samba, e nunca se esquece, porque sabe que suas "baianas" exercem grande influência sôbre o público — de explicar que aquilo que ela tem no corpo é uma fantasia, é produto de um figurinista imaginoso, que é coisa para luz de refletores, que nós aqui nos vestimos como se vestem todos na América, que a nossa civilização é igual...

Em Detroit, quando inaugurou a grande Feira, há alguns meses, dando oito "shows" que reuniram 80.000 pessoas — Carmen Miranda bateu o "record", disseram-me, de propaganda do Brasil. Fêz muito mais por nós do que cinco pavilhões de Exposição ou Feira caríssimamente custeados pelas verbas do Itamarati. Fãs exaltados invadiram a caixa do enorme teatro da Feira, fizeram questão de tocar-lhe os "turbans", os "balangandans", as saias de roda — e Carmen aproveitou a oportunidade para pôr os pontos nos ii — entrou com a sua propaganda, as suas explicações junto a uma gente que seria muito capaz de pensar que Perón fôsse o nosso presidente e que Buenos Aires fôsse a capital de um país chamado Rio de Janeiro...

— **Completamente!**

Quem vai à sua vivenda de North Bedford, em Beverly Hills, recebe hospitalidade do tipo "completamente", também. "Esta casa é sua, moreno, entre e saia quando quiser; olhe, a piscina está ali, não peça licença a ninguém, caia nela quando quiser!"

E dona Maria Miranda, que já está acostumada a êsse espírito hospitaleiro da filha famosa e dedicada, não se espanta quando vê a casa sem-cerimoniosamente invadida, a piscina tomada por um mais-ou-menos Tristão, acostumado às areias de Copacabana ou ao salve-se-quem-puder do eternamente apertado Flamengo.

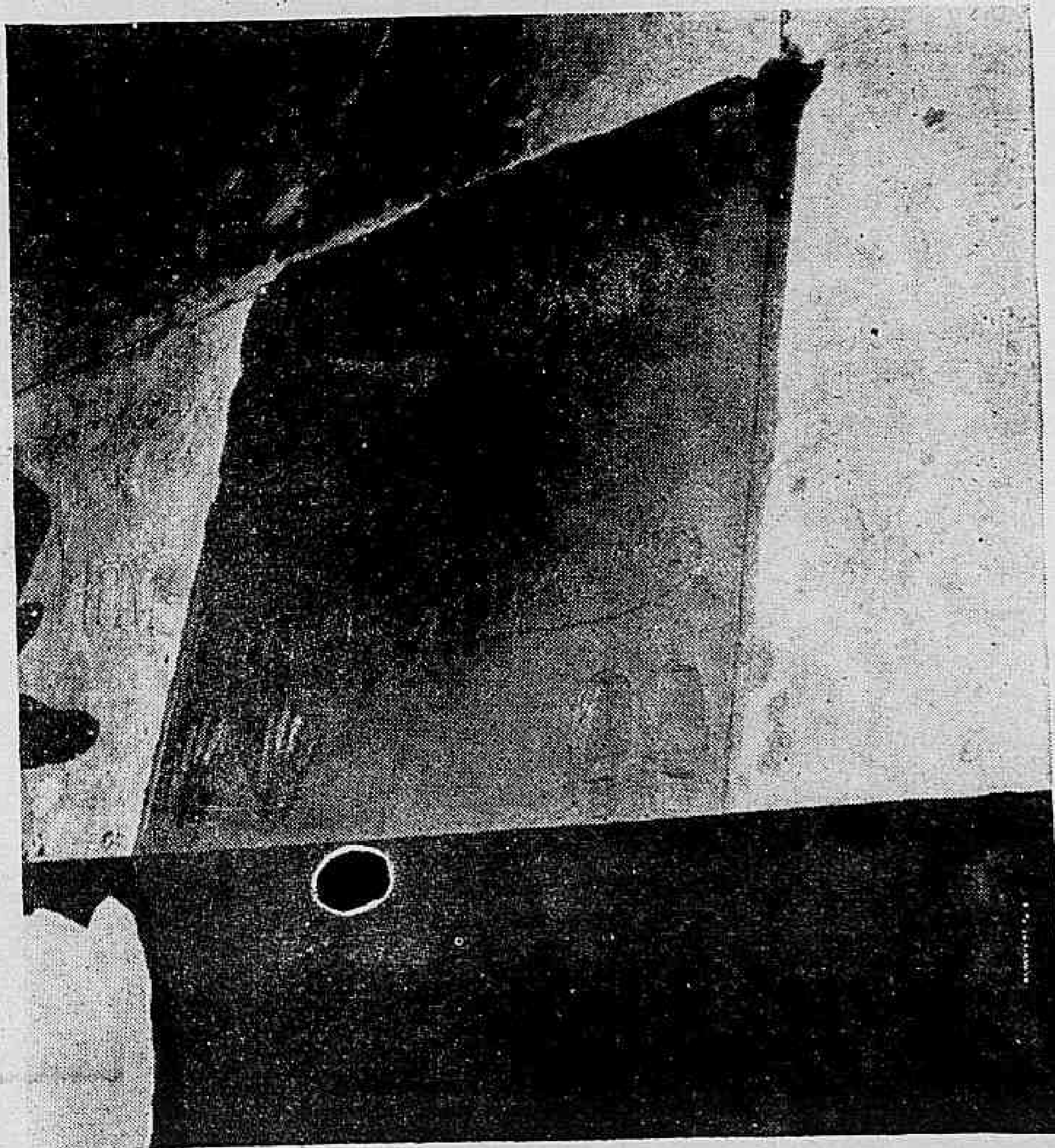
Quando pede notícias do Rio, Carmen quer também que a gente forneça completamente. Quer saber isto e aquilo. Lembra-se de nomes e mais nomes. Tem uma curiosidade imensa pela gente de rádio. Fica contente ao saber que Dircinha Batista está com bom repertório, que Linda Batista está em evidência, que o que Araci de Almeida canta é de qualidade. De Dircinha diz que "é uma carinha que é uma beleza, não é?"; de Araci diz que "é um diabo de mulher pra cantar sambas com um jeito que ninguém mais sabe ter", e de Linda diz que aquêle seu modo de cantar dizendo, contando as coisas, tem uma bossa e tanto. E lamenta não conhecer as figuras novas, os valores novos que foram surgindo depois de sua viagem para os Estados Unidos. E, depois, — imitadora notável que sabe ser — imita Ari Barroso talvez melhor mesmo do que o José Vasconcelos, e quando imita Linda Batista em certo número que ela fazia, há anos, na Urca, não queriam saber como a gente ri!

Por que Carmen, tão interessada por tudo nosso, está passando tanto tempo sem vir ao Rio? Porque não tem sido mesmo possível deixar a América. Afinal, Carmen vive de seus contratos, e êles são contínuos. Além disso, Carmen gostaria de vir em época carnavalesca, e é precisamente nesse período que mais apertam as suas programações. Agora, já não são apenas "boites" e grandes palcos de variedades, como os de Chicago, San Francisco e New York; são também grandes programas de televisão.

Em janeiro último esperava-a Honolulu! Um grande hotel daquele grã-fino ponto de turismo contratou Carmen e o Bando da Lua — cuja colaboração ela não dispensa, no seu propósito de prestigiar brasileiros — por grande soma, e precisamente quando ela poderia arrumar um pulinho ao Rio, o contrato vantajoso e inadiável a prendia mais uma vez a plagas distantes.

— Mas, um dia, de repente, eu salto na nossa terra... e pronto!

E nesse dia, eu tenho a certeza,



Há cêrca de dez anos na capital do cinema, Carmen não teve tempo ainda de visitar o Rio. Mas lá estão marcadas suas impressões dos pés e das mãos, como um atestado de sua vitória no estrangeiro La Miranda entrou nas portas da imortalidade.

tôda essa gente que agora anda fazendo luxinho, fingindo-se sentida com a Carmen — a razão não se sabe, mas eu talvez possa apostar que tudo não passa de um pouquinho de ciúmes... — fará logo as pazes com a Embaixatriz, porque não há quem resista àquele jeito que a Carmen tem de fazer amigos e de aplacar ressentimentos. E então, Dorival Caimmy escreverá logo um samba que não poderá deixar de ser "O que é que a Carmen tem".

Como está Carmen fisicamente?

Muita gente — vendo-a mal fotografada nos filmes, desajudada por um guarda-roupa incrivel, que ela não recusa porque odeia fazer o papel de "temperamental" ("Isto é coisa de gente de cabelo louro na alma" — diz Carmen) — pensa que Carmen esteja envelhecida, sem aquela vivacidade de outros tempos. Eu posso afirmar em alto e bom som que Carmen nada perdeu, que aquêles olhos verdes brilham do mesmo modo travesso, que Carmen está moça, sacudida, elegante, que é a mesma Carmen, enfim.

Seu fornecedor de "turbans" continua obedecendo às suas idéias — se Carmen não fôsse sambista seria estilizadora de modas — e Hollywood continua achando Carmen uma das mais elegantes "estrêlas" daquelas redondezas.

Quando Carmen entra no "Mocambo" ou no "Ciro's" — a curiosidade feminina se dirige logo para os seus vestidos e "turbans", que nada têm das alucinações e bizarrices com que Carmen é mostrada em filmes, mas têm sempre um toque diferente.

Marlene Dietrich figura entre as amizades mais cálidas com que Carmen conta em Hollywood, não sei se sabiam.

★

Eu estava no seu pequenino escritório, quando ela me mostrou uma carta que recebera na véspera, de um fã, um rapaz de Copacabana. "Vi ontem você em seu novo filme, Carmen, e quando o pesoal riu de seus vestidos, fiquei danado da vida. Então, convidei alguns dêles, uns mal-educados, para virem para fora, que eu lhes ensinaria um pouquinho de modos" — dizia a carta, que Carmen lia e relia encantada, comovida até.

— Não, esta aqui eu vou responder do próprio punho. Um amor, êsse rapaz, não? Completamente!

Outro fato digno de ser contado, a propósito de Carmen:

Em Chicago, creio, ela conheceu três sapateadores negros, três irmãos, que fizeram um sucesso louco no Rio, como em tôda a parte, e que com ela, trabalhando no mesmo teatro, fizeram grande camaradagem. Falaram-lhe tanto do Rio, que Carmen mais se sentiu prêsa aos rapazes e às espôsas de dois dêles.

— Quando vocês forem a Hollywood, não deixem de ir lá em casa! Faço questão!

E um dia apareceu a turma na casa de Beverly Hills. Carmen exultou e fêz questão mesmo de que os artistas negros se sentissem como em casa. Meia hora depois estavam todos êles na piscina. A vizinhança viu — e uma coisa desagradável, que se chama "preconceito de raça", apareceu, então.

A noitinha, Carmen foi procurada por uma vizinha, que lhe disse:

— Miss Miranda, todos nós gostamos muito da senhora, a senhora é muito boa vizinha, mas não torne a fazer o que fêz hoje, porque de outro modo seremos obrigados a boicotar a senhora. Francamente, Miss Miranda, por que consentiu em todos aquêles "coloreds" em sua piscina?...

Carmen conta que isso aconteceu há algum tempo, mas que até hoje não conseguiu esquecer a coisa. E conta que não se intimidou, que mais uma ou duas vêzes os artistas negros passaram o dia em sua casa e usaram à vontade a piscina... E que o boicote da vizinhança ranzinza limitou-se a alguns cumprimentos gelados, alguns dias, e algumas caras-amarradas. Mas não passou disso — mesmo porque cara-feia com Carmen Miranda não adianta: ela as vence com sua sem-cerimônia, seu à-vontade, sua camaradagem total, sua alegria de samba ou batucada.

— Completamente!

E completamente, só completamente é que se deve e se pode gostar de uma grande criatura como Carmen Miranda após vê-la e ouvi-la de perto, na intimidade de sua casa, junto aos seus, junto também às saudades que ela sente de seu Rio, o Rio de que ela é, apesar da luz dos refletores e "kleigs" de Hollywood, Chicago, Nova York ou Honolulu — completamente, carmen-mirandescamente, das solas de sapatos de dois andares ao cume dos jardins tropicais suspensos de seus "turbans"...

Isso mesmo: Completamente!



Eis um sorriso que custa uma fortuna para os donos de «night-clubs».



Ao lado de Russo da Pandeiro, há alguns anos atrás.



Carmen é muito diferente, pessoalmente, daquilo que vemos na tela.



Aqui está mais uma pôse com o jeitinho, "aquêle jeitinho" de Carmen Miranda. Foi êsse mesmo jeitinho que a fêz triunfar espetacularmente, há poucas semanas, em Honolulu. Carmen foi para dar três "shows", dizem as notícias — e acabou dando oito "shows". Foi festejadíssima e precisou visitar mais três ilhas. Um delírio em tôdas elas! E Carmen sem "sarong"!

O CONHECIMENTO DA TÉCNICA É ESSENCIAL AO ATOR CINEMATOGRÁFICO

Exclusividade do USIS para
A CENA MUDA

Por VAN HEFLIN
De "Theatre Arts"

EM Hollywood, capital cinematográfica dos Estados Unidos, existe a impressão geral de que o ator cinematográfico aprende o suficiente sôbre sua profissão apenas trabalhando conscienciosamente com bons diretores e fazendo o que lhe mandam fazer. Acreditam que basta dizer ao ator: "Caminhe até aqui. Erga sua mão até aqui. Em seguida, abaixe a cabeça e afaste-se, caminhando calmamente". Acreditam que, dentro dessa estrutura dirigida, o ator pode expressar suficiente emoção de maneira a fazer uma boa interpretação.

Isso é verdade apenas em parte. Se os atores cinematográficos compreendessem melhor os motivos das ações que lhes mandam fazer seria muito mais fácil para êles. Para subir ao palco, os atores treinam durante anos. Contudo, quando estão no palco podem resmungar uma frase, fazer um movimento errado ou voltar as costas para a platéia, sem que disso decorra grande mal No cinema, porém, é diferente. O ator coloca o cigarro na bôca uma polegada fora do lugar e quando o filme chega ao encarregado do corte, torna-se impossível cortá-lo de acôrdo com a cena filmada. Assim, no cinema o ator tem uma responsabilidade enorme. Para êle é duplamente importante saber o que está fazendo. Em geral, considera-se errôneamente que atuar no cinema é mais fácil do que atuar no palco, devido à possibilidade de refilmagem (cenas simples são filmadas duas ou três vêzes quando necessário). Talvez seja mais simples para pessoas que não se preocupam com sua profissão, mas para o ator cinematográfico meticuloso, preocupado com o orçamento do filme como um reflexo de seu trabalho, é mais difícil As refilmagens custam caro.

No palco, o ator é responsável principalmente para com seu diretor e sua platéia. Em Hollywood, o ator é muito menos importante porque para a produção de um filme são necessárias numerosas outras pessoas. Assim, cabe-lhe maior responsabilidade. Uma boa interpretação sua depende não apenas de si próprio, de seu diretor e de sua platéia, mas também do técnico responsável pelo corte do filme, do cinematografista, do diretor musical, do pessoal incumbido da iluminação e de muitos outros. Sem trabalhar em íntima relação com essas pessoas e sem compreender seus serviços, o ator não poderá jamais realizar o melhor trabalho possível.

Há algum tempo, pensando que era tempo de obter solução para alguns problemas que me preocupavam, matriculei-me na Escola Cinematográfica da Divisão de Artes Teatrais da Universidade da Califórnia, em Los Angeles.

Fiz quatro cursos: Princípios Básicos de Som, Animação, Cinematografia e Direção. O programa estendia-se por 23 horas de aulas por semana. Eu freqüentava as aulas quando não estava trabalhando em algum filme e, quando o estava, ia às aulas noturnas. Embora meus estudos tenham sido necessàriamente muito desorganizados, pois eu continuava trabalhando em filmes, a escola foi de enorme valor. Ainda que às vêzes eu chegasse a perder aulas durante dois meses em seguida, eu procurava recuperar o tempo perdido nas ocasiões em que tinha folga. Normalmente, o aluno estuda três anos para obter o diploma de arte dramática. Eu levarei dois anos ou pouco mais, apesar da irregularidade dos meus estudos, porque levei a vantagem de haver freqüentado antes, durante um ano, a Escola Dramática da Universidade de Yale, no Estado de Connecticut Às vêzes, obtenho ainda maiores vantagens nos estudos devido aos períodos alternativos de trabalho profissional e trabalho escolar.



Van Heflin, o conhecido ator cinematográfico norte americano, recomenda aos artistas de cinema que estudem o aspecto técnico da produção de filmes para que possam produzir os melhores trabalhos a seu alcance.

De maneira geral, a lição mais valiosa que aprendi foi que, compreendendo perfeitamente o aspecto técnico e, assim, tornando-o o mais simples possível, a gente pode dedicar-se mais ao lado criador da arte. Isso sòmente pode ser feito quando a gente se sente completamente à vontade e resulta da confiança que os colegas de trabalho depositam na gente.

Vejamos um exemplo. Em um cenário ao ar livre, o ator deve interpretar uma cena longa, na qual levanta-se de um tôco em que estava sentado, corre em direção a uma cêrca gritando e chamando por alguém, sobe à cêrca a fim de ver melhor e, em seguida, mostra uma expressão de desapontamento por não avistar a pessoa que está procurando.

Mesmo em seus mais simples têrmos esta é uma missão complexa. O ator que não compreende os problemas técnicos, recebe centenas de instruções sôbre a rapidez com que deve caminhar e correr, até onde deve correr, a necessidade de não fazer movimentos rápidos, a altura até onde deve subir na cêrca, os movimentos a fazer com a cabeça, as sombras que devem ser evitadas, o tom de voz em que deve gritar, para que lado gritar e assim por diante até o infinito. As instruções resultam diretamente das exigências dos técnicos. O "cameraman" não pode movimentar sua câmara para cima ou para baixo com muita rapidez e por isso não permite que o ator levante-se ou corra com muita velocidade. O técnico responsável pelo corte do filme, desejando usar um "close-up" (filmagem muito de perto) do rosto do ator gritando, ficará irritado se o ator fizer um movimento muito rápido sôbre a cêrca, porque isso tornar-lhe-á impossível enquadrar o movimento. Exige também que o ator mantenha sua cabeça imóvel para o "close-up" e ainda que mantenha a mesma posição em que se encontrava antes. O técnico de som tem centenas de problemas com seu microfone e com a necessidade de obter uma gravação clara. Se o ator tem um cigarro na bôca, os problemas tornam-se ainda mais numerosos. Se usa um chapéu, que deve tirar na ocasião, crescem novamente os problemas.

Entretanto, se o ator souber o que é necessário aos técnicos, as coisas simplificam-se imediatamente. Dizem-lhe apenas: "Vá desde o tôco até a cêrca o mais rápido que lhe fôr possível. Suba na cêrca e grite. Joe quer um ângulo longo aqui. Bill deseja um "close-up" do rosto. E, cuidado com o som. Depois de um ràpido exame do local, o ator já sabe tudo quanto deve fazer.

Seriam necessários muitos parágrafos para explicar exatamente o que cada técnico exige, mas o espaço não o permite. Basta dizer que, se o ator sabe porque não pode pronunciar uma palavra durante um movimento no final de uma cena (o técnico responsável pelo corte não poderá executar seu trabalho se houver falas em um movimento no final da cena), atuará com a maior liberdade.

Todo problema é importante. Iluminação,. Som. Foco. Movimento. Corte. Cenário. E assim por diante. Os pequenos detalhes são vitais. Não se podem aprender essas coisas nem mesmo no local da filmagem. Contudo, é possível aprendê-las na sala de corte ou em uma escola. Já ouvi técnicos responsáveis pelo corte dizer: — "Você pensa que fulano conhece bem o assunto. Trabalha no cinema há 12 ou 15 anos. Qual nada, basta fazer parte de uma cena para estragá-la."

Como ator experimentado, odeio precisar admití-lo, mas a verdade é que agora entro em um "set" com muito mais confiança do que antes. Quando começa a chover instruções sei agora qual o motivo. E' muito mais fácil cumprir ordens quando se sabe as razões que as motivam. E aprender por que são dadas as ordens é tarefa do ator. E isso o ator não consegue jamais aprender apenas atuando no cinema.

ROTEIRO DE VIAGEM



CRONICA DE BUENOS AYRES

de ALBERTO CONRADO

(Enviado Especial de «A CENA» aos paises da América Latina)

"O MILAGRE", O FILME PROIBIDO DE ROSSELINI

BUENOS AIRES, janeiro — Vale a pena ser cronista cinematográfico na Argentina. Todos os bons e maus filmes são exibidos anteriormente para a censura e os criticos, embora nós não nos situemos no último caso, pois somos apenas comentaristas e não dissecadores de peliculas. No cinema "ópera", depois de uma dessas sessões especiais, a Comissão de Censura, quase em côro, gritou: "Voltem êsse filme para seu pais de origem". Nós sabiamos que, se não fôsse a censura, a Igreja estenderia a sua mão para tirar das roldanas dos projetores essa obra-de-arte de Rosselini que é "O Milagre". Ninguém que segue de perto o desenvolvimento do cinema mundial, poderá negar o talento do diretor italiano Roberto Rosselini. Discuti-lo e reprová-lo em alguns pontos, sim, mas nunca contestar seu gênio para a tela. Para nós, que temos visto "Roma, Cidade Aberta" e "Alemanha, Ano Zero", bastaram êsses filmes para aumentar o prestigio do realizador romano. Rosselini, da mesma forma que De Sica, Zampa, Visconti e outros diretores italianos de após-guerra, nos revelou um cinema italiano novo, vigoroso, carregado de problemas com originais enfoques técnicos e, sobretudo, com um profundo sentido realista, mostrando a sua câmera, com verdadeira sinceridade, a vida nas ruas, nos campos, nos lares e na intimidade das consciências de seus protagonistas.

Dessa forma, pôde o mundo inteiro admirar os prodigios cinematográficos que foram "Roma, Cidade Aberta", "Viver em Paz", "Ladrões de Bicicletas", "Obsessão", "Francisco de Assis" (com muitas ressalvas), e "O Milagre". As duas últimas peliculas, juntamente com "Alemanha, Ano Zero", pertencem a Rosselini — últimamente bastante comprometido com seu "Strômboli", apesar de o diretor poder argumentar em seu favor a péssima montagem de sua obra em Hollywood. No transcurso do ano de 1950, Roberto Rosselini produziu na Itália um filme de contornos sensacionais. Referimo-nos a "O Milagre" (Il Miracolo), cuja exibição tivemos a grata oportunidade de assitir na talvez única sessão dêsse filme em nosso continente. O filme desenvolve um tema evidentemente freudiano. Narra o caso de uma garôta camponesa que foi possuída em estado de inconsciência e que, ao ter noção de seu estado de gravidez, proclama ser a Virgem Maria e que concebeu um filho por obra e graça do Espirito Santo.

Antes de mais nada, o tema é audacioso e tem, de certa forma, semelhanças com o drama de Georg Kaiser "Um Dia de Outubro", que foi levado à cena pelo cinema argentino, numa realização de Lucas Demare, o diretor de "Guerra Gaúcha", a obra máxima do cinema argentino. Pois bem, o filme de Rosselini foi exibido na Itália e no resto da Europa e se realmente provocou tôda sorte de controvérsias como aconteceu com seu infeliz "Strômboli" e seu melhorado — em relação ao segundo — "Francisco de Assis", nunca ninguém pensou em proibi-lo, fato que acaba de se dar no liberal e democrático Estados Unidos. Efetivamente, "O Milagre", foi proibido pelo Comissariado de Espetáculos de Nova York com o pretexto — segundo dizem — de que a citada pelicula constitui uma "blasfêmia". Mas, o notável do caso é que "O Milagre" foi escolhido como o melhor filme estrangeiro de 1950 pela Associação de Criticos de Cinema de Nova York. Diante da inconsultada proibição do Comissariado, os criticos protestaram enèrgicamente contra tal medida que tende, segundo afirmam, a implantação de uma perigosa censura com respeito ao conteúdo dos filmes.

Vimos o filme sem nenhum corte ou acréscimo. Não se pode afirmar ou não se o ponto-de-vista e o tratamento que deu ao filme o diretor Rosselini está de acôrdo com o audacioso argumento de seu filme. Mas, é inegável, como aliás o tem assinalado a critica européia, que o filme possui um poderoso tom de pura arte cinemática e que Rosselini o fêz com altura e dignidade. E a verdade é que, se não fôsse assim, mais provável é que houvesse sido proibido pela censura italiana, em cujo território tem sede a mais alta autoridade espiritual da religião católica e onde os sentimentos cristãos estão profundamente arraigados. Contraste-se, pois, a tolerante e compreensiva atitude da Europa para com esta obra-de-arte que acabamos de assistir com o critério artistico novaiorquino, totalmente oposto ao dos criticos que proclamam o filme de Rosselini como a melhor produção de procedência estrangeira que chegou aos Estados Unidos durante o decorrer do ano de 1950. Não foi outra coisa senão um puritanismo preconcebido que motivou a proibição, o mesmo puritanismo contagiado aos nossos irmãos da Argentina que, visivelmente pressionados pelos servos de batina, vetaram a exibição de "O Milagre" — o filme proibido do diretor Rosselini.

"FRANCISCO DE ASSIS", OUTRA DESILUSÃO DE ROSSELINI — O TEATRO ARGENTINO

BUENOS AIRES, janeiro — Últimamente, foram exibidas em sessão privada duas peliculas do diretor de "Roma, Cidade Aberta": "Strômboli" e "Francisco de Assis". Torna-se necessário reconhecer que, com êstes filmes, Rosselini desiludiu a maioria de seu público. Parece que o diretor entrou num periodo de evolução com a agravante de que conserva todos os defeitos e as limitações que sempre caracterizaram as suas obras, mesmo as melhores. "Francisco de Assis" nos desconsertou e suspeitamos que, no seu estilo cândido, se oculta uma pequena malicia. O filme não é uma biografia do Santo de Assis mas, sim, uma coleção de onze episódios extraidos de um livro sagrado do século XIII intitulado "Florecillas de São Francisco", e que é uma das primeiras obras escritas no idioma italiano. Cada episódio é apresentado com o titulo da "florecilla" original e todos êles vêm precedidos por tomadas de famosos santos, começando pelo que pintou Giotto na Basilica de Assis. Os episódios são simples fragmentos, não só na sua forma, mas também no seu conteúdo, desde que não se deriva dêles nenhuma interpretação clara do espirito franciscano.

Cada um permanece limitado a si mesmo e acaba sem seqüência com o posterior.

Rosselini intentou aqui o experimento, estèticamente correto, de adaptar sua linguagem cinematográfica às dos textos literários do século XIII, expressando-se com imagens de igual simplicidade e humildade. Mas o fêz com falta de propriedade, defeito nas coisas caracteristicas e com uma excessiva confiança no seu próprio talento, que mais uma vez lhe fêz má jogada. Especialmente pelo seu habitual sistema de improvisar o diálogo e o guião, grande parte do público que viu "Francisco de Assis", em sessão especial no cinema "Metropolitam" de Buenos Aires, recebeu a impressão de que os primeiros discipulos do Santo de Assis eram homens excessivamente simples. Quer dizer, não soube destacar a diferença que existe entre a sinceridade evangélica, que é pureza do coração, e essa outra "sinceridade" que deriva sòmente por insuficiência da glândula tiróide. Entretanto, êste novo experimento de Rosselini nos proporcionou algumas satisfações apreciáveis, advindas da excelente fotografia de Martelli e do singular enquadre, do qual se pode dizer

(*Cont. na pág. 28*)



AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos.

QUÉDA DOS CABELOS
Calvicie precoce
JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Há cinqüenta anos
Juventude Alexandre — BELEZA e VIGOR DOS CABELOS



Tenente Joe Mallory



"ABRINDO CAMINHO A FOGO"

Sargento Pete Bell



Capitão Tom Hale

ENVIARAM Joe Mallory, jovem acabado de sair do curso de treinamento nos Estados Unidos, para comandar o nosso pelotão, em substituição a um predecessor menos feliz. Nessa época eu já era o sargento de um pelotão calejado pelo tempo, na África, na Sicilia e, por último, ao norte da Inglaterra, onde nos ministravam treinamento para o mais difícil, segundo sentiamos em nossos corações. O meu nome é Pete Bell e antes de vestir um uniforme eu era mecânico.

Bem, de inicio, o rapazinho usou uma politica errada com o nosso capitão. Hale era um indivíduo enorme, auto-didata e ganhara as estrêlas por seu próprio esfôrço e dedicação. Era o chefe de nossa companhia.

Durante o correr de sua primeira prova sob o fogo, o rapazinho cometeu um engano. Rastejando sob intenso fogo, esqueceu-se do resto do pelotão para socorrer Frankie Finley, que se encontrava em perigo. O que êle deveria ter feito, em primeiro lugar, seria dar um tiro, a fim de cessar fogo. Tive de arrancar-lhe o fuzil e dar o sinal.

O "Velhote" (como haviamos apelidado Tom Hale), não gostou.

— Os seus papéis falam de sua grande capacidade — todos ouvimos Tom Hale gritar — Mas não quando as coisas estão pretas! Eu deveria reclassificá-lo e mandá-lo de volta, mas não há tempo!

Àquela noite tornei a encontrar-me com Mallory no bar da vila e pedi à minha "boneca" que lhe oferecesse uns dois "drinks" especiais de minha garrafa particular.

— Esta é a segunda vez, hoje, que você me faz uma boa ação...

O sentimento de solidão e a insinuante falta de confiança estavam visíveis em todo o seu rosto.

— Tenente, posso abrir a minha bôca? Não há nada com o senhor que algumas batalhas não curem. O seu esfôrço em salvar Finley mostraram que o senhor tem bons instintos. Só lhe falta agora usá-los em conjunto com todo o pelotão.

Logo depois, Betsy se aproximou de nós, cansada de tanto esperar. Mallory tratava-a como se fôsse uma duquesa. Pela maneira como estava sorrindo, compreendi que seria necessário uma semana para novamente fazê-la voltar à terra. Mas, nem mesmo aquilo me fêz gostar menos do rapazinho.

Conversamos sôbre a invasão — como tôda agente naqueles dias — quando um ensurdecedor barulho de motores de aviões nos obrigou a fazer uma pausa. Mallory olhou para o teto desajeitadamente, mas não me movi.

— Nenhum alerta — expliquei-lhe. — E' nosso pessoal de saida para um pequenino trabalho noturno do outro lado do canal.

Eu tinha a impressão — desculpem-me o cabotinismo — que estava ajudando ao jovem Mallory, imprimindo-lhe confiança.

Embora o nosso pelotão fôsse considerado um dos melhores do exército (pelo menos pelo instinto de coruja de nosso capitão), era um pelotão como outro qualquer.

Não. Nada havia de incomum em nosso pelotão. Os seus componentes poderiam pertencer a qualquer outro e se algo de fora da rotina aconteceu ao nosso pelotão, sòmente os acontecimentos foram diferentes. Nêle havia Julie Rothman, filho do proprietário de uma confeitaria no Bronx, um fatalista e um dos homens mais frios com que já tive ensejo de tracar conhecimento em minhá existência, sob o fogo. Havia Finley, o rapaz a quem Mallory salvara, um dêsses grã-finos acostumados na praia e cuja maior preocupação era a boa manutenção de seu físico. Havia Dam Dominick, sempre bajulando os outros, pois pretendia empreender uma carreira politica quando voltasse à Pátria, e votos, são votos. Eram êsses os homens de nosso pelotão. Jovens, cujas carreiras e aspirações a guerra havia interceptado e como não pudessem lutar para conseguir o que desejavam, viviam sonhando em o fazer um dia.

Tinhamos outros elementos e bons camaradas como Jimbo Hollis, um sujeito que, para evitar as preocupações da batalha, em seus momentos de folga tinha as suas dores de cabeça com uma cadela, para quem transferira tôda a sua afeição na ausência do pessoal de sua familia, que a qualquer dia daria à luz uma porção de cachorrinhos. Dera à cadela o nome de Liza, provàvelmente em homenagem a alguma namorada que tivera na escola... "Quatro-Efes" Nelson não valia dez tostões de carne de gato. Era tão miope que não lograria



As suas mãos tremiam e em que quer que tocasse deixava marcas.



Joe entregou a Hale os objetos que haviam pertencido ao Tio Roy.



Quando os alemães fugiram? — Perguntou Joe Mallory cuidadosamente ao prefeito.

sair de um saco de papel se não estivesse usando os seus óculos.

E, é claro, tinhamos o Tio Roy. Contando trinta-e-cinco anos, era mais idoso do que o restante de nós, era maluco por sua espôsa e seus dois filhos. Quando recebia uma carta de casa passava o resto do dia lendo-a para si e para o resto de nós. Pessoalmente, creio que êle as decorava da primeira à última linha, sem esquecer os pontos nem as virgulas. Era quem nos ajudava a solver os nossos problemas. Quieto e profundo, se alistara em virtude de não desejar que seus filhos crescessem num mundo de Nazistas e Japonêses, embora pudesse ter ficado do lado de fora da "brincadeira".

Todos bons camaradas. Juntos, trabalhávamos vinte-e-quatro horas por dia. Não mais tinhamos "passes" para ir à cidade nem mais tempo para as Betsys. E, do meu ponto-de-vista, Joe Mallory parecia já se ter acostumado com a luta e se livrara do indefectivel impacto inicial.

No entanto, nunca encontrava as respostas certas para o Capitão Hale. Nos problemas, Hale estava sempre repreendendo o pobre rapaz em virtude de suas respostas erradas, isto é, erradas aqui, certas nos livros que estudara no treinamento, em Fort Bennington.

No dia 13 de maio, carregamos os nossos caminhões e nos dirigimos para a Inglaterra. Sòmente os idiotas supunham que fôsse algum problema de treinamento. Tudo o que se tinha a fazer para que os nervos de nossos estômagos começassem a pular era dar uma olhadela para a baía. Os navios davam a impressão de estar em "boxes" prontos para a largada. O que quer que fôsse acontecer ia ser Grande — com um "G" maúsculo.

Os nossos palpites foram substituidos por uma resposta, quando nos deram dinheiro francês, o que provava que o nosso destino era a França.

O tenente Joe Mallory estava provando o seu valor. Tratava-nos como se ainda fôsse o professor de antes da guerra e tanto nos fazia repetir as suas ordens que as podiamos executar até mesmo dormindo; até Glashen estava intermediando os seus roncos com as suas ordens... Iniciou a jornada e o periodo de escola terminou. Apenas não iamos gozar férias, pois estas haviamos usufruindo na escola com o Professor Mallory, quando sairamos de um campo de batalha para outro teatro de guerra.

Finalmente, tivemos ordens para embarcar. No navio, eu conversava com Hale no convés, quando ouvimos os gritos de Jimbo:

— Sou um pai! Sou um pai! Tenho uma familia!

O "Velhote" olhou para mim e balancei desconsoladamente a cabeça.

— Agora, como é que vamos embarcar aquêle cachorro? — murmurei, embora me referisse a Liza, não a Jimbo...

Todos nós, quando visitamos os sete cachorrinhos de Liza, pensávamos no que lhes aconteceria amanhã. *Amanhã*, uma palavra que para cada um de nós tinha um significado diferente. Só conheciamos o passado, o futuro não ousávamos prescrutar e o presente era de dúvidas, dêle dependendo se viveriamos aquêle futuro.

Dentre nós, muitos se tornaram introvertidos e embrutecidos. No entanto, o "Velhote" foi o primeiro a externar êste sentimento, o que nos fêz voltar os olhos para nós mesmos. Quando Mallory começou a lhe falar de suas aspirações, êle lhe hespondeu animalescamente:

— *Não desejo saber de coisa alguma!* — gritou. — Quanto menos souber a respeito de todo o mundo, melhor! Assim, não terei nada para me lembrar!

O mêdo se espalhou por nossos nervos, quando contemplamos os pára-quedistas que voavám para a França a fim de preparar o terreno para nós. Era um mêdo nascido da solidariedade. Sabiamos que aquêles homens também tinham familias e se estavam arriscando para proteger as nossas vidas.

Em nossa frente estava a praia de Omaha, para onde nos dirigiamos. Mas, os Nazistas estavam entrincheirados ali. Os músculos de meu estômago pulavam como pulgas.

Quando a nossa lancha chegou à praia, Joe Mallory deu uma ordem de comando para desembarcar e eu tratei de obedecer, empurrando os soldados.

Penso, agora, se seriamos capazes de repetir a proeza. Talvez não, se tivéssemos em mente as dificuldades da primeira experiência. As balas mergulhavam nas ondas em redor de nós, enquanto caminhávamos para a praia e o nosso companheiro do lado tombava.

— Espalhem-se! — gritou sensatamente o jovem Mallory. — Corram para a parede.

Antes de alcançarmos a parede de mar, Hansen tombou. Jimbo e Rothman levaram-no para um abrigo, enquanto gritavam "médico! médico!", o que não deixava de ser apenas mais dois gritos entre os de outros feridos na areia. Era como se alguém estivesse sofrendo um pesadelo e gritando para que acordasse. Mortos e feridos jaziam em todos os lugares. Tanques se incendiavam e os botes eram afundados.

Título original:

Breakthrough

ELENCO:

Tte. Joe Mallory...	**John Agar**
Capitão Tom Hale..	**David Brian**
Sgto. Pete Bell....	**Frank Lovejoy**
Dan Dominick	**Bill Campbell**
Soldado Ed Rojeck.	**Paul Picerni**
Sold. Frank Finley.	**Greg McClure**
«Quatro-Efes» Nelson	**Richard Monehan**
Sgto. Roy Genderson	**Eddie Norris**
Sold. Jimbo Hollis.	**Matt Willis**
Sam Hansen	**Dick Wesson**
Colette (filha do prefeito)	**Suzanne Dalbert**
Sold. George Glasheen	**William Self**
Sold. Julie Rothman	**Danny Arnold**
Tte. Janis King....	**Danie Sue Nolan**

Um filme da Warner Bros. — Produção de Bryan Foy — Direção de Louis Seiler — Cenário de Bernard Giradr e Ted Sherdeman — Baseado numa história de Joseph I. Breen, Jr.

Os alemães atiravam contra nós de trincheiras protegidas por caixas e sacos de areia. Quando tentamos cavar, a areia muito sôlta caia em nossas trincheiras.

— Êles estão olhando para dentro de nós, através de nossa gargantas — disse a Mallory, quando dêle me aproximei.

Hale, rastejando atrás de nós, interrompeu a sua resposta.

— Vocês não podem ficar aqui! Êles estão aglomerando-se atrás de nós! Vocês têm de destruir aquêle ninho de metralhadoras.

Rezarmos, rástejarmos o mais baixo possivel e ter esperanças eram as únicas coisas que podiamos fazer. Evitar as suas granadas e tentar eliminá-los com fogo de metralhadora. Pouco depois começamos a ouvir os primeiros gritos de rendição. Mas, sòmente uns poucos. O restante respondeu ao nosso fogo... dobrado.

Quando um clarão iluminou o espaço, voltamos os nossos olhos para o mar e vimos o nosso navio incendiar-se. Ouvimos o pobre Jimbo soluçar, pois êle conhecia o destino de Liza, mas Hale não lhe deixou lamentar, ordenando-lhe que continuasse, o mais que depressa.

Pedi a Hale para usar primeiro alguma artilharia, mas êle me respondeu que não havia artilharia. Odiei o homem àquele momento, mas depois compreendi que nada mais podia fazer do que ordenar que continuássemos.

Olhei para êle e depois dirigi o meu olhar para Joe que, como chefe de meu pelotão, era a única pessoa de quem eu recebia ordens.

— Okay, Pete — disse êle quietamente. — Continuemos.

Gritei para os outros e iniciamos a caminhada. Fizera com que Hale se sentisse um intruso e êle me odiou por isso.

Estávamos lutando na provincia da Normandia e cada vez mais nos inclinávamos a acreditar mais no que ouviamos do que no que viamos. A fôrça aérea fazia o possivel por nos ajudar, bombardeando e destruindo todos os suprimentos que os nazistas tentavam chegar aos seus por estradas de rodagem ou de ferro. Mas, nada conseguia tirá-los de seus ninhos. Nem mesmo a artilharia, quando, finalmente, entrou em ação.

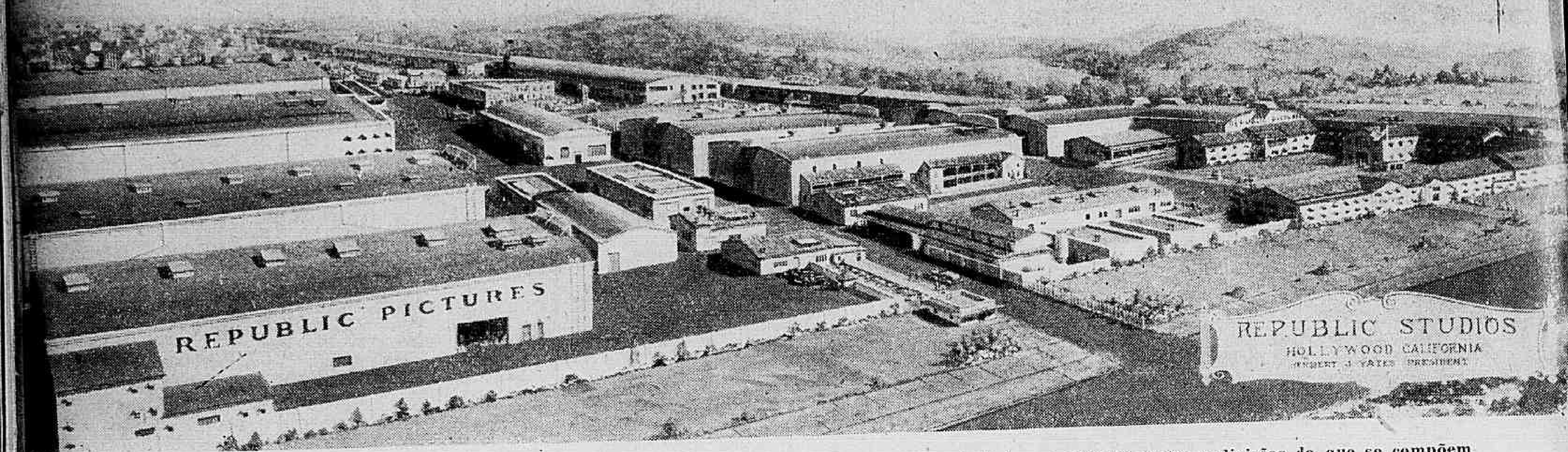
Como um eco, os nazistas nos respondiam, tôda vez em que a nossa artilharia cessava o fogo. Os tanques também tentaram arrancá-los de seus ninhos, que é como podem ser chamadas as suas fortalezas. Os alemães estavam protegidos por cêrcas de árvores tão fortes que os tanques se danificaram tentando trespassá-las. O que os tanques não conseguiam fazer, foi a tarefa a que incumbiram a infantaria...

A despeito de tôdas as durezas, a bondade de Joe continuava imutável. Nada conseguia empanar o brilho daquela virtude de Mallory. Sujo e barbado, como o restante de nós, e tonto pelo cansaço, continuava a nos dar ordens sensatas, planejando sempre qual a melhor maneira de destruir mais um ninho de metralhadoras e estudando uma maneira de destruir aquelas malditas cêrcas. O "Velhote", depois de ver como Mallory traçava mapas no chão para nos explicar o que pretendia e repetindo várias vêzes o que cada um tinha a fazer, foi obrigado a admitir que o nosso pelotão estava em boas mãos.

Chegou o dia em que nos foi transmitida uma

(Cont. na pág. 30)

UM ESTÚDIO POR DENTRO



Vista aérea dos estúdios da Republic. No presente artigo, procuramos foca lizar detalhadamente todos os departamentos e divisões de que se compõem a maioria dos estúdios de Hollywood, indiscutivelmente a cidade mais bem aparelhada tècnicamente no setor cinematográfico do mundo inteiro.

SITUADOS em Studio City, no coração verdejante do famoso vale de San Fernando, os estúdios da Republic são atualmente considerados os melhores da terra do cinema: — Hollywood.

Conhecidos como "os estúdios da amizade", êles se estendem por uma vasta área de 70 acres de terreno, com possibilidade de expansão para mais 30 acres adicionais, e cujo desenvolvimento está sempre em constante progresso, conforme ficou evidenciado pela recente declaração feita pelo presidente da companhia, sr. Herbert J. Yates e cujo programa de melhoramentos foi orçado em mais de um milhão de dólares.

Os estúdios compreendem um conjunto de 30 prédios individuais, representando um aumento de 20 sôbre os prédios originais que comportavam o "lote" em 1935, quando Yates assumiu o contrôle das atividades.

Existem na Republic 14 palcos de som e em combinação para dublagem e orquestração. Os palcos são modernos, os prédios bem construidos, onde têm sido levantados os maiores e mais espetaculares cenários jamais idealizados na capital do cinema. O palco 11, por exemplo, possui um completo sistema de refrigeração, permitindo a possibilidade de converter sua grande área numa vasta pista de gêlo para patinação.

Possivelmente, o mais extraordinário palco da Republic é o mundialmente famoso palco 12, conhecido como Auditório Musical, onde são gravados todos os acompanhamentos musicais dos filmes da Republic. Terminado em 1945, é o mais moderno palco no gênero em todo mundo. Foi desenhado exclusivamente para gravação musical e tem provado ser tão revolucionário em desenho e efetividade que a Republic foi homenageada com um prêmio especial pela Academia, devido à sua construção.

A clareza da reprodução sonora é tão perfeita no Auditório musical, que os mais famosos artistas o têm usado para suas gravações. Entre outros, destacamos Leopold Stokowski, Jascha Heifitz, Efrem Kurtz, Arthur Rubinstein, Aaron Coplan, Alfred Newman e muitos outros. Também outros estúdios o têm usado para certas gravações especiais. O departamento musical está localizado no Auditório, com escritórios para compositores e arranjadores, assim como possui locais para audição e projeção.

Em adição aos palcos de som e o Auditório Musical, existem 20 "sets" permanentes para filmagens exteriores e cujas ruas são conhecidas como Old Western Street, Brownstone Street, Sacramento Street (antigo oeste), Victorian Street, Brazos Street (vila dos pioneiros), mansões coloniais, ruas espanholas e mexicanas, partes de prédios em ranchos, estalagens, e ruas modernas de cidades.

O primeiro passo a ser dado nesse programa de melhoramentos, orçado em um milhão de dólares, foi a construção de um novo prédio editorial, ao custo de cem mil dólares. Cobre uma área de 3.000 pés quadrados, abrangendo oito salas de cortes, equipadas com tôdas as facilidades para o processo de cortes e compilação dos filmes. Com êste acréscimo, fica a companhia contando com 19 salas de corte, podendo trabalhar na produção de mais de 50 filmes por ano, o que representa a maior capacidade produtora de qualquer estúdio em Hollywood.

Desenhado pelo engenheiro-chefe da Republic, Daniel J. Bloomberg e seu pessoal, o prédio foi planejado para uso exclusivo de filmes de segurança sôbre a base de acetato, o qual o estúdio trocou há dois anos passados e hoje usa em tôdas as cópias negativas de som.

Cada nova sala de corte possui moviolas novas, bancos de corte, cofres para filmes, um tipo especial de iluminação, colocado em nivel próprio, a fim de permitir o máximo de facilidade e eficiência no trabalho.

O prédio é de desenho moderno, com largas venezianas, a fim de reduzir o calor proveniente dos raios solares, contendo, ainda, um completo sistema de refrigeração em tôdas as dependências. Está adicionado ao prédio principal por uma passagem coberta.

No prédio da "camera" acondiciona-se todo equipamento fotográfico usado no estúdio, equipamento êste todo êle do mais moderno tipo e desenho. Aqui, muitas experiências foram levadas a efeito com o desenvolver do colorido próprio da Republic conhecido como Trucolor; não sòmente as experiências primitivas levadas a efeito em Hollywood, como também nos laboratórios da companhia subsidiária em Fort Lee, New Jersey, a Consolidated Film Industries, o processo Trucolor progrediu ao ponto agora considerado como um dos mais distinguidos na indústria. Os maiores filmes da Republic são filmados em Trucolor, assim como tôdas as produções de Roy Rogers.

Um prédio separado e devotado exclusivamente para os efeitos sonoros e compilação musical para todos os filmes.

Entre outros vários departamentos contam-se ainda a serraria, onde são construidos muitos "sets", pinturas, miniatura, ferraria e trabalhos em ferro, pláster, pátio para madeiramento, alfaiataria, guarda-roupa, publicidade, departamento de elenco, hospital, comissariado, sonografia e drama.

O estúdio possui dois grandes tanques para filmagens maritimas; um para cenas submarinas e outro para os trabalhos de superficie. O tanque submarino, construido em 1949 é o mais moderno de Hollywood. E' completamente submerso com dois visores para cameras, instalação telefônica submarina, e um completo sistema de filtragem. Foi usado pela primeira vez nas filmagens do excitante drama da Republic, baseado na novela de Garland Roark — "O Rastro da Bruxa Vermelha", estrelado por John Wayne. O tanque de superficie é mais usado para as filmagens em miniatura.

O principal grupo compõe-se de 50 prédios destinados aos escritórios da administração e dos executivos e 50 outros para os escritores e departamentos de pesquisas. Planos para futuros prédios, incluem um novo com 16 escritórios adicionado ao prédio da administração e pelo menos mais um novo palco de filmagem.

Durante a temporada de produção, a Republic emprega para mais de 2.500 pessoas, sendo o estúdio protegido por um corpo de 50 policiais e um Corpo de Bombeiros próprios. O estúdio é uma verdadeira cidade em pequena escala.



LiZABETH SCOTT
(Paramount)

ANTOLOGIA DOS CRONISTAS CARIOCAS

IX

CELESTINO SILVEIRA

Nome completo: Celestino Barata da Silveira.

Sempre assinou Celestino Silveira e nunca usou pseudônimo.

Nasceu no Rio de Janeiro, Distrito Federal, Brasil, na antiga rua General Câmara, perto da Praça da República, em local hoje abrangido pela Av. Presidente Vargas.

Começou a fazer jornalismo no tempo de colégio, tomou gôsto e ficou até hoje.

No rádio também suas atividades se revestem de um aspecto genuinamente jornalístico.

Não sabe escrever à mão e tem péssima caligrafia.

Aprendeu dactilografia aos 12 anos e sem máquina-de-escrever fica incompleto, totalmente tam-tam...

Lápis e caneta para êle são inúteis.

De início, votava desinterêsse formal pelo cinema — e era todo de teatro. Um dia, "descobriu" o cinema. Aderiu, na qualidade de comentarista. Mas, sem esquecer o teatro.

Foi chefe-de-publicidade da Metro, da United e de outras firmas distribuidoras de filmes.

Escreveu alguns livros: — "Filmando para o meu jornal", em Pôrto Alegre (1929); "Carne Moça e outras banalidades" (1930); "Os Intoxicados" (1931); "O Homem de Cimento Armado" (1934) e "Moleque de Rua" (1938). O primeiro, de crônicas cinematográficas, e os demais, romances.

Criou, no "Diário da Noite", em 1929, a seção de cinema com crítica, logo depois confiada a outro veterano, Pedro Lima, que a dirige até hoje. Depois fêz o mesmo em "A Noite", coluna transferida a R. Magalhães Júnior. E, no "Correio da Noite", onde ficou por muito tempo Pery Ribas e onde hoje, infelizmente, pontifica um analfabeto, o calhorda e judeu renegado Isaac Tapajós.

No rádio, a sua função de comentarista cinematográfico criou raízes: em 1933 fundou o programa "Cine-Rádio-Jornal", na antiga Philips, que passou dali para a Mayrink Veiga e acabou na Globo, onde está ainda. Êsse programa vai completar dezoito anos no dia 24 de junho. Escreveu para teatro algumas revistas e duas comédias, estas com Berliet Júnior: "O que matou por amor" (um desastre financeiro, quando encenada...) e "O homem que volta" (melhorzinha, segundo o próprio Celestino)... Tem, ainda, de parceria com Berliet, pronta para representar no momento oportuno, "Mau Passo".

Dirigiu a edição impressa de "Cine-Rádio-Jornal", que vingou um quatriênio: 1938 a 1942. Não houve revolução para depor o jornal, aliás muito popular, e onde se iniciaram muitos dos que hoje rabiscam nas colunas de jornais sôbre cinema, rádio e teatro, fãs àquela época — mas, veio a guerra, faltou papel de verdade, e era uma vez o jornal. Ficou o programa de rádio que, segundo Celestino, tem "outro papel"... A serviço profissional tem viajado muito: foi aos Estados Unidos da América do Norte, passou três semanas em Hollywood e gostou, apesar do mal que diziam dali... Andou pela Itália, França, Espanha, Portugal, várias vêzes, e no continente sul e centro-americano, percorreu quase tudo.

Não enriqueceu, mas melhorou muito. Todavia, não tem carro, usa e abusa do lotação.

Não reside em casa própria, não tem conta bancária e para fazer face às despesas do dia-a-dia, trabalha das 8 da manhã à meia-noite. Vê um filme por dia ou uma peça de teatro.

Não consegue dormir sem ler no mínimo trinta páginas.

Dá conta do programa de rádio diàriamente, faz reportagens onde elas se oferecem.



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA
Charge de JAIMESON

E' secretário da "Revista da Semana".

Por acúmulo de serviço, deixou a coluna de rádio de "O Globo", depois de cinco anos seguidos de comentários sôbre essa especialidade. Não perde tempo em reuniões de bar e abomina as sessões especiais para lançamentos de filmes.

Gosta de ver teatro depois das "premières", não comparece aos ensaios e respeita a reação do público.

Sua maior extravagância: fumar "Philip Morris" mesmo sabendo que está falsificado. Fuma ainda mais quando escreve — mas respeita a proibição nos cinemas e é capaz de brigar com quem soltar uma baforada de cigarro a seu lado numa sala de exibições.

Não se mete em política.

Quando constituía sensação a visita dos astros cinematográficos, movimentava-se nesse sentido (hoje vem uma Dorothy Malone, uma Silvana Mangano e um Ricardo Montalban, e a *turma,* neca!...). Foi buscar Walt Disney em Belém do Pará. Fêz o mesmo com Tyrone Power, indo ao seu encontro em Pôrto Alegre, o que ia ocasionando sério incidente com a Fox. Mas, tudo acabou bem. Antes, havia acompanhado Ramon Novarro a Buenos Aires, com Ademar Gonzaga e Pedro Lima, descobrindo então que o "astro" estava pela primeira vez sem contrato com a Metro. Era o início da decadência de "Ben Hur".

Entrevistou no Brasil, nos Estados Unidos, na Argentina e na Europa um sem número de artistas. Quanto mais os vê de perto, mais se decepciona. Parece que está começando a ficar saturado das celebridades.

Já entrevistou o Presidente Truman na Casa Branca e Sua Santidade o Papa no Vaticano. De ambos, trouxe a melhor impressão: parecem ser dois homens compreensivos e humanos. Mas, serão mesmo, Celestino?

Sua maior decepção profissional: quando entrevistou o General Eisenhower, em Washington, D. C., e, por motivos de ordem superior a reportagem não pôde ser publicada no Rio. O que diria o cabo-de-guerra nela?...

Acredita no Cinema Brasileiro, mas com orientação rigorosamente de indústria, sem desprezar o sentido artístico.

Pertence a quantas entidades de classe aparecem e às quais pode filiar-se — mas não comparece a reuniões, nem sempre vota e pede aos amigos que não o elejam para nenhum cargo. Faz mesmo confusão de iniciais dessas entidades: A. B. I. (Asociação Brasileira de Imprensa); S. B. A. T. (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais); A. B. C. R. (Asociação Brasileira de Cronistas Cinematográficos), e por aí avante. Dorme seis horas por noite, gosta de fazer a sesta, mas não tem tempo, almoça depois das 14 horas e quase nunca janta.

(Cont. na pág. 30)



JOSEPH COTTEN
(Paramount)



Não é uma foto de Margherita Gertruida Zelle (para todos Mata Hary) de 1911, mas uma pôse clássica de Laura Suarez fotografada por Renato.

RIO x SÃO PAULO

A Juventus Filme, a O.N.U. do cinema carioca ★ "Deixa de conversa meu bem" é o título ainda não definitivamente assentado ★ Por vontade de Deus e dos dirigentes não houve concurso ★ Há gente honesta por aí? ★ Será uma perigosa concorrente para São Paulo? ★ Uma entrevista quase séria.

De JUVENTINO LEGÍTIMO FILHO

QUANDO entrei nos estúdios da Cinematográfica Sol Brasileira eu me vi bem atrapalhado ante a série de idiomas em parte ininteligíveis. O diretor emitia uns sons guturais e depois perguntou em português quase correto: — "Entendeu?". — "Não" — respondeu um figurante. Foi então preciso chamar a secretária de edição (uma linda moça) para traduzir o que significava o alemão de Milo Harbick (o diretor). Houve, porém, uma pequena dificuldade, pois a jovem entendia alemão mas não sabia explicar a cena (coitada, nunca foi diretora...). Nesse ponto entrou em ação o ajudante de diretor — italiano. A secretária explicou-lhe e êle, camisa aberta e olhar inteligente (ou metido), fêz sinal de haver percebido. Ia transmitir a ordem ao figurante quando Milo Harbich berrou satisfeito: — "Gut" (em português: "muito bem") — o extra experimentara a cena sòzinho!!! E não é só isso: imaginem que ao redor da máquina de filmagem estão três nações — estoniana, italiana e grega... (a máquina é francesa...). A cenografia é de Nicolas Lounine (francês)... Como podem ver, não é sopa, não, conversar com tôda essa gente... Enfim, palestrei como pude com todos. Gente boa, mesmo se estrangeira, gente que procura realizar. Falando a respeito do filme, Milo Harbich (que, no fim, é autêntico gaúcho) mostrou-se contente com o trabalho que executam. Milo Harbich não é novato, estêve já na Ufa e promete um bom filme cômico. Perguntei-lhe: — "O senhor entende as piadas do "script"? — "Entendo" — fêz êle. — "Como? O nosso humor é muito diferente do alemão?" — "Bom, — respondeu — se rir depois de meia hora que a piada me foi traduzida, é que ela é boa; se rir no dia seguinte, não presta". — "Milo, pode ficar sossegado; se o seu termômetro é êsse, está garantido: o nosso público acha graça até sem nada na tela!!!..."

No meio de todo o movimento, descobri o meu homem: o produtor. Falava rápido com um, com outro, tirava dinheiro do bôlso, punha a mão na cabeça, mordia o indicador da mão esquerda (é canhoto). Aproximei-me dêle e disse com acento "bras": — Alô, paesano!". O homem me olhou desconfiado e disse num corretissimo português de Nápoles: — "Não precisamos de gente! Temos tutto!". Esclareci o equívoco, eu só queria uma entrevista. Então Pietro Lanzillotti, como bom partenopeu, começou a descrever uma porção de coisas — o filme fôra extraido de uma peça teatral de sua autoria, estava satisfeito com todos e, principalmente, com o diretor de produção Guido Martinelli. Contou que teve de superar uma série de contrariedades, substituir atores e técnicos atingidos pela "coreana", mas, enfim, "tudo está correndo pelo melhor". O industrial Dirceu Pessoa Guerra, o maior acionista da sociedade, e o Diretor-Presidente Luis Fiúza deram carta-branca a êsse novo realizador que é Pietro Lanzillotti, o qual continua a esclarecer-me que "...Deixa de conversa, meu bem" (título provisório), mais do que um filme com argumento, no sentido de narrativa de episódio, pode

Jovem inteligente, Samaritana Santos é uma esperança para nosso cinema



ser chamado "retrato de homem", imitando títulos muito em voga tempos atrás em peças de teatro, particularmente naquelas em que se pretendia reproduzir um caráter. Aqui se trata de um homem ciumento (o que não o fôr, atire a primeira pedra). Todos os escritores da cenarização prometem interessantes pontos-de-vista artisticos e, para não irem de encontro às erradas teorias sociais, justificam-se levando a ação do filme para o ambiente irreal do sonho...

"E' cansativo produzir" — bela frase mas não minha, e sim de Pietro Lanzellotti, a cujo convite quero aderir para falar um pouco dos problemas de "Juvêntus Film", a qual vem rasgando os próprios caminhos com os próprios cotovelos... Estudos teóricos e práticos, desgostos — pois o nosso cinema nesceu com iniciativas doentias e tristemente comerciais, cheio de produtores sem dinheiro e sem cérebro. Essa sociedade carioca quer elevar-lhe o prestigio, procurar em cada iniciativa a qualidade e, depois, forçosamente, o sucesso financeiro virá. Seria bom que o nosso Govêrno não estivesse demasiadamente absorto em questões estaduais ou de reformas para ocupar-se um pouco das providências a fim de, com leis apropriadas, impedir a especulação imoral e defender as iniciativas nobres e dignas.

Continuemos, porém, o passeio entre as pessoas que trabalham para o filme "...Deixa de conversa, meu bem", da "Juvêntus". A primeira a falar foi Laura Suarez, uma daquelas atrizes que fogem a tôda publicidade, preferindo viver na intimidade familiar todos os momentos livres. Laura, veterana do teatro — de que muito gosta — confessou-me que seria de seu agrado interpretar na tela papéis "incandescentes" (giria cinematográfica). Papéis crus, reais, sem piedade, papéis que até hoje produtor algum ousou levar à tela, pois muitas dúvidas suscitam quanto aos efetivos resultados comerciais. "Espero" — diz ela. Quis ainda fazer-lhe uma série de perguntas mas Laura, chamada pelo diretor, desapareceu para ser envolvida pela luz dos refletores.

"O retrato do homem ciumento" é interpretado por Jackson de Souza, moço de espírito, ainda que fora da cena. Está satisfeito com o papel, o qual lhe empresta personalidade nova, talvez um pouco agressiva. Outros elementos de valor aparecem na pelicula, tais como Flávio Cordeiro, do conjunto de Silveira Sampaio no Teatrinho de Bôlso, Luís Delfino, do mesmo conjunto, senhor de brilhante jôgo de mãos, Samaritana Santos, Raymundo Furtado, Werner Hammer, Elizette Cardoso, Pérola Negra, Iara Isabel.

A "Juvêntus Film" não pretende parar. Será uma porta aberta para as grandes excursões através da arte verdadeira e confortadora, concorrente possante para as produtoras de São Paulo. Que dizem a isso os simpáticos organizadores da Maristela?



Pequeno e inofensivo divertimento entre o marido e os amigos da família



Qual dos dois está desafinado? Certamente não é Laura Suarez, musicista e profunda admiradora de Bach. Também Jackson de Souza parece não estar enganado: será que Laura está tocando um samba?

Jackson de Souza, feliz revelação de caracterista do cinema nacional, desta vez na pele de um marido feliz. Olhem só a cara...

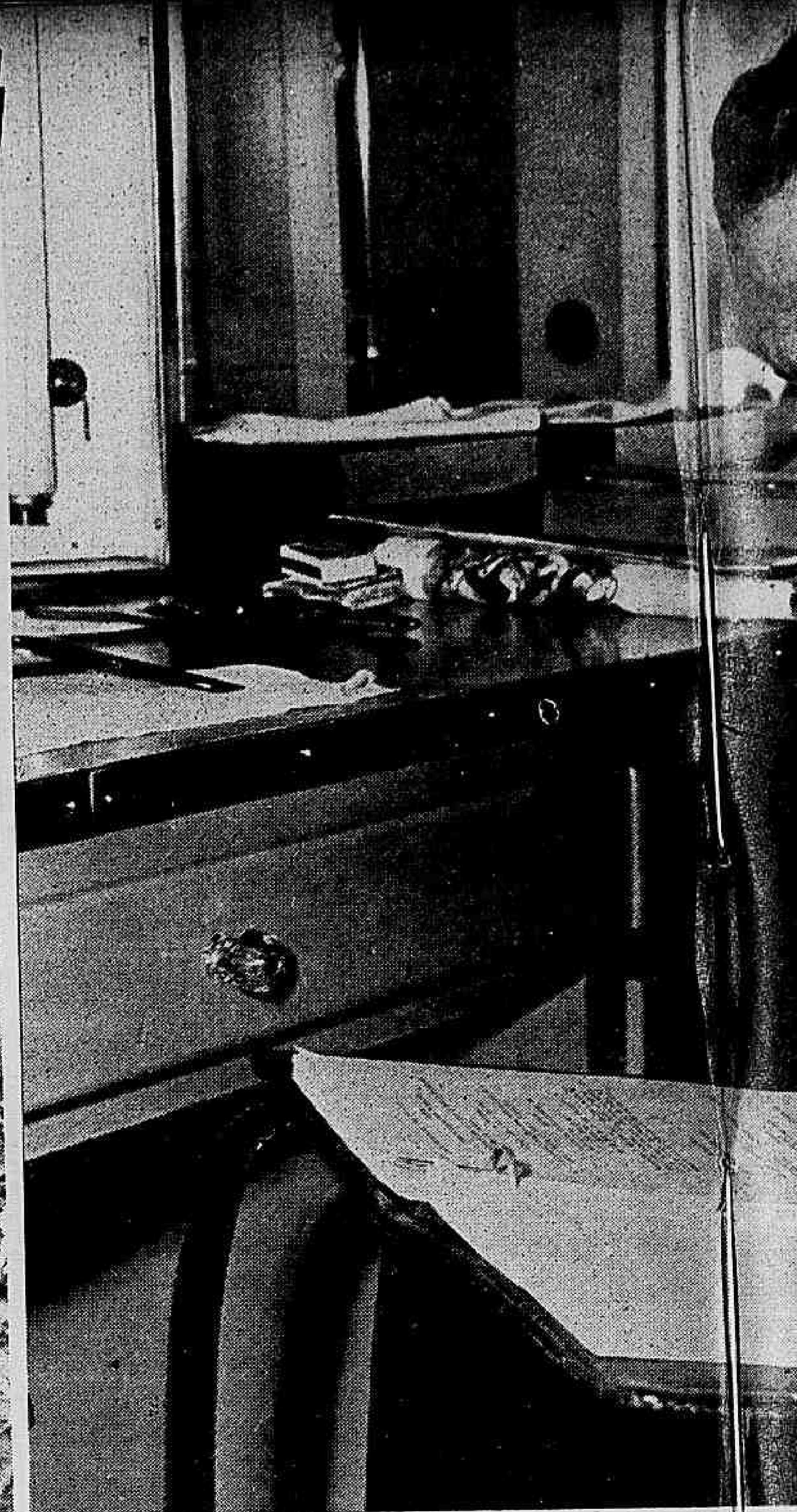


— «Era tão bom — diz ela (Laura Suarez) — Pagava tôdas as despesas!»
— «Que perda!» — dizem os amigos (Iára Isabel, Raimundo Furtado, Werner Hammer e Luís Delfino. O morto é Jackson de Souza).





Bárbara Payton recebe instruções sôbre o manêjo de um revólver, que lhe está dando Steve Cochran, num intervalo de filmagens do tecnicolor «Dallas» (O Vingador Impiedoso), da Warner Bros., no qual Gary Cooper reparte as honras do estrelato com Ruth Roman.



Humphrey Bogart, astro principal da película da W... camarim, o diálogo para ... pró...

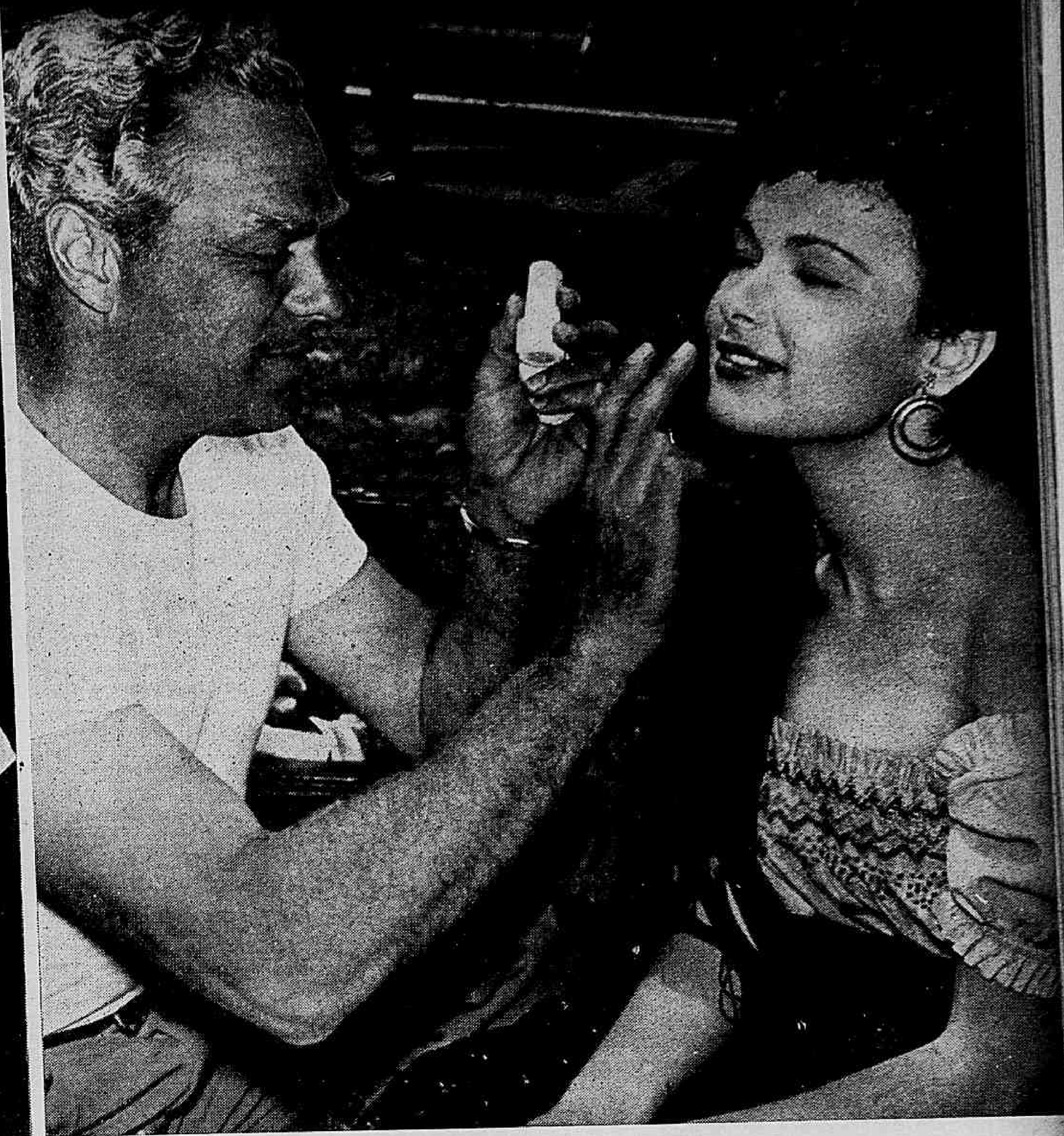


Russo do Pandeiro, que atualmente está com um cartaz dos diabos nos Estados Unidos, aparecerá num filme da Republic — «Brotinhos das Arábias».

MOVIM... NO... ESTU...



película da Warner Bros. «The Enforcer», estuda, em seu
o para a próxima cena a ser filmada.



O maquiador Lew Hippe da um toque final no maquilage de Suzanne Dalbert antes da jovem atriz francesa, entrar em ação, na película da Warner Bros. «Breakthrough».

IMENTO NOS UDIOS



Ann Todd bate um papo com sua «stand-in» durante um intervalo de filmagens de sua próxima película na Inglaterra. Para os menos prevenidos, avisamos que miss Todd é a da esquerda...

Rádio

ARMANDO MIGUEIS

DOIS NOMES EM FORMA

O ano radiofônico, ao que tudo indica, principiou bem para a família mayrinquiana, a considerarmos o acêrto da escolha do sr. Gilson Amado para gerir os destinos da simpática emissora. Experimentado no "metier", não lhe será difícil colocar nos eixos a veterana PRA-9, em cujo microfone pôs à prova sua capacidade de comentarista, quando dos seus primeiros passos na seara de Hertz. Aliás, da estação dos 1.120 quilociclos saiu o sr. Gilson Amado para dirigir a Rádio Mauá, onde conseguiu arrancar do indiferentismo público a chamada "emissora do trabalhador", sem que para tanto precisasse usar de processos espalhafatosos. Reunindo valores nôvos e proporcionando recursos aos que sabiam e desejavam trabalhar, tirou do anonimato a antipática PRH-8, fazendo-a penetrar nos lares brasileiros, através de cuidados e interessantes programas. Essa vitória do homem escolhido para, nos dias presentes, comandar a Rádio Mayrink Veiga, diz bem de quanto êle é capaz, desde que lhe dêem os recursos indispensáveis ao empreendimento que tem à sua frente.

Não menos feliz se mostra a escolha do sr. Gilberto Martins para a direção artística. Possuindo extraordinária fôlha de serviços prestados ao "broadcasting" brasileiro, pode ser considerado como um dos mais competentes "radio-men" que possuímos, haja vista a série de realizações levadas a bom têrmo no sem-fio paulista. Espírito moderno, com participação direta nas atividades do rádio de nossos dias, o sr. Gilberto Martins possui as condições indicadas para arrancar do marasmo em que caiu, a estação que, em tempos idos era a vanguardeira das grandes iniciativas radiofônicas. Afeito ao trabalho e despido de vaidades, êsse radialista, estamos certos, impulsionará a PRA-9, colocando-a na posição que merece.

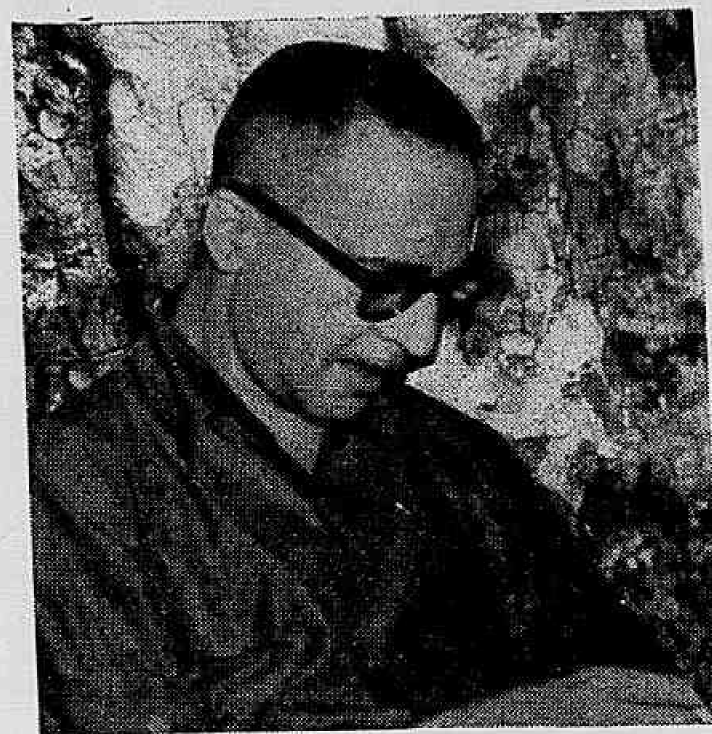
Principiaram bem, portanto, as atividades radiofônicas. Dois elementos de reconhecida capacidade foram colocados à testa de um prefixo, tudo fazendo acreditar que, em tempo exíguo, teremos a Rádio Mayrink Veiga disputando com suas co-irmãs do primeiro time o lugar que ela, PRA-9, já desfrutou.

Sete notícias sómente

Felix Caignet escreveu uma novela que, a julgar-se pela imprensa pôrto-riquenha e cubana, suplantou tudo quanto já foi feito no gênero. E' esta história em capítulos que a Rádio Nacional acaba de lançar, numa tradução de Eurico Silva, sob o título de "O direito de nascer". À frente do seu desempenho estão os mais categorizados astros do elenco de teatro-cego da popular PRE-8. ★ O rádio-teatro continua arrebanhando figuras de valor da ribalta, a fim de aproveitá-las nos seus dramas seriados. Lu Marival, por exemplo, não resistiu ao convite que lhes fêz Amaral Gurgel para integrar o "cast" da Rádio Globo. A querida estrêla de nossos palcos está, no momento, abrilhantando os espetáculos rádio-teatrais da PRE-3, através da participação nas diversas novelas ali transmitidas. ★ Carlos Frias, figura das mais benquistas em nosso meio radiofônico, apresentou-se ao juiz que o condenou a vários meses de prisão. E' que, sem apresentar-se, o popular locutor do "Boa-noite para você" não poderia apelar da sentença condenatória. Ainda, em virtude de estar ajustando contas com a justiça, não pôde ser diplomado pelo Tribunal Regional Eleitoral. ★ Joel de Almeida, como o faz todos os anos, veio passar o carnaval no Rio. O ex-companheiro de Gaúcho, desde o seu casamento com Noemi Orzabal, trocou o "broadcasting" guanabarino pelo meio artístico portenho. Durante onze meses êle faz miséria nas "boites" argentinas, interpretando tôdas as nossas melodias populares. Mas, quando Rei Momo dá o brado de farra grossa, Joel vem rever os amigos e brincar um bocado. ★ Osvaldo Gouveia, embora afastado das emissoras cariocas, nem por isso deixa de produzir para o rádio. Autor de inúmeras novelas de sucesso, êle acaba de entregar a uma de nossas emissoras sua mais recente produção. Trata-se de "O drama de um homem surdo" que, provàvelmente, será lançada através da Rádio Jornal do Brasil. ★ Manoel Nóbrega está no Rio, após uma apreciável ausência de nossa cidade. E' que não conseguindo reeleger-se à Câmara bandeirante, nem interessando às emissoras paulistas, êle procura um lugar ao sol no rádio guanabarino. Aliás, Gilberto Martins o contratou para a Mayrink Veiga. ★ Braga Filho está à testa do departamento de divulgação das "emissoras associadas", foi a informação que tivemos de Roberto Ruiz. Até o presente momento, porém, nenhuma nota nos chegou às mãos, fato que estranhamos, dada a operosidade de Braga Filho nesse setor.

CONFISSÃO

Edgar G. Alves, produtor exclusivo da Rádio Mayrink Veiga, é um dos talentos com que conta o "broadcasting" carioca. Escrevendo novelas para o elenco de teatro cego da PRA-9, além de programas variados, não lhe foi muito difícil conquistar a simpatia do público-ouvinte para suas produções. Daí, a oportunidade do seu depoimento nesta série que estamos apresentando.



EDGAR G. ALVES
escreve em cima da hora

PORQUE gosto de contar histórias. A rigor, penso que não sei fazer outra coisa. E um pouco também, porque acredito que os contos populares, em capítulos, com "suspense" e intervalo de anúncio, não são, obrigatòriamente, literatura barata, como julgam alguns afoitos rapazes de porta de livraria. Gosto de ouvir, observar e contar. Gosto de trazer para o ouvinte as histórias das vilas de subúrbio, das docas das calçadas da cidade. Gosto de conjugar diálogos, com efeitos de som, música e silêncios. Gosto de escrever o primeiro capítulo, em cima da hora e deixar que os personagens reajam, façam o que entender. Já escrevi uma história chamada "Balada do Largo da Glória", na qual havia um crime premeditado, cometido pelo galã. E a novela terminava, quando o promotor encerrava o libelo, pedindo a condenação do réu. Nem eu sei, se o coitado foi absolvido. Sei apenas que recebi alguns desaforos, censuras, descomposturas telefônicas e outras provas de interêsse. E' por estas e outras, que gosto de contar contos, deixando ao ouvinte a oportunidade de acrescentar os pontos que lhe agradam. Não sei escrever histórias de muita ação e (juro por São Jerônimo!) nunca usei como climax o caso da hipoteca, que tem que ser paga de qualquer modo, ainda que a ingênua se veja na triste contingência de cair nos braços repulsivos do vilão. Minhas novelas têm sempre nomes cantantes e tratam de gente conhecida. "Uma Mulher Canta Baixinho", "Poema da Rua Tranqüila", "Os Justos Moram no Céu", "Os Olhos Claros

(Cont. na pág. 30)

DE QUINTA À QUARTA-FEIRA

	TITULO — EMISSORA	DIAS — HORARIOS
PROGRAMAS	TEATRO PLACIDO FERREIRA Rádio Mayrink Veiga	Tôdas as quintas-feiras, às 22,00
	EDIFÍCIO BALANÇA, MAS NÃO CAI Rádio Nacional	Tôdas as sextas-feiras, às 20,30
	ARTISTAS NOVOS DO BRASIL Rádio Globo	Todos os sábados, às 20,05
	CALOUROS EM DESFILE Rádio Tupí	Todos os domingos, às 20,00
	CASSINO DA CHACRINHA Rádio Tamoio	Tôdas as segundas-feiras, às 23,30
	SINUCA DE SETE BICOS Rádio Guanabara	Tôdas as têrças-feiras, às 21,00
	UMA CARTA PARA VOCÊ Rádio Roquete Pinto	Tôdas as quartas-feiras, às 20,25
NOVELAS	PADRASTO Rádio Globo	Segundas, quartas e sextas-feiras, às 14,30
	O DIREITO DE NASCER Rádio Nacional	Segundas, quartas e sextas-feiras, às 20,00
	BRAÇOS VASIOS Rádio Mayrink Veiga	Segundas, quartas e sextas-feiras, às 12,30



LU MARIVAL
não resistiu ao microfone



CARLOS FRIAS
continua prêso

FORA DA ONDA

ELA PREFERE

Os "astros" radiofônicos, como qualquer mortal, têm suas preferências por esta ou aquela comida. Alguns, por sinal, esmeram-se na aprendizagem da arte culinária, a fim de melhor satisfazer suas predileções gastronômicas, como acontece com Araci de Almeida que, além de ser uma personalissima intérprete de nossa música popular, é eximia cozinheira. Dai a revelação de Lia de Aguiar — estrêla do "broadcasting" paulista — no tocante à sua preferência sôbre a apreciadíssima arte de Vatel. Seus pratos prediletos, segundo nos declarou, são: bife à milanesa; arroz com pouco feijão; batata frita e pizza napolitana.



ÊLE DETESTA

Elano D. Paula, cuja atividade no sem-fio guanabarino é das mais intensas, revela-se um formidável gastrônomo. Apreciador da maioria de quitutes, êle, por sua vez, não aprecia certas comidas. Principalmente, determinados legumes. Dentre êstes, figura o quiabo. Elano, conquanto tenha nascido num dos Estados do Norte, não tolera qualquer prato em que entrem quiabos. Também o giló, por sua vez, não figura na preferência do exclusivo da Rádio Mayrink Veiga. Porém, o alimento mais detestado pelo conhecido "radio-man", são os miolos. Não existe quem o faça provar dessa comida.



POR CONTA DO AL NETO

Os programas de auditório, como sempre, revelam a capacidade da maioria dos seus freqüentadores... E' comum ouvirem-se as mais disparatadas respostas às perguntas feitas. Em Nova York, tal como nesta Cidade Maravilhosa, a classe de radiouvintes identifica-se. Daí, num programa de Warren Hull, o animador ao indagar de uma candidata qual a principal qualidade da população de Nova York, receber como resposta: "E' muito estúpida".

Nessa altura, Warren quis saber por que a moça pensava dessa maneira. — "Porque eu li num livro — disse a candidata ao prêmio — que a população de Nova York é muito densa... Denso também quer dizer obtuso, não é?"



LIA DE AGUIAR
gosta de pizza napolitana



COMO NASCEU O PAULO ROBERTO

O dr. José Marques voltava do sertão quando, por acaso, conheceu o saudoso Custódio Mesquita. Para êle, e a seu pedido, o atual produtor da PRE-8 escreveu a letra de "Cantor de Rádio". Na hora de assinar... asinou Paulo Roberto. E, daí em diante, êsse pseudônimo tomou conta do vitorioso ginecologista da Maternidade Fernão de Magalhães. Programas começaram a ser lançados sob a legenda de Paulo Roberto que, nos dias presentes, é um dos mais conceituados "radio-men" brasileiros, tal o sentido educativo-cultural que imprime às suas realizações. Podemos citar, por exemplo, "Obrigado, doutor", "Nada além de dois minutos" e "Honra ao Mérito".



MULHER SÓ NO NOME

E' comum, entre os aficionados das novelas, a curiosidade em tôrno do aparecimento de novos produtores de histórias em capitulos. Principalmente, quando estas agradam em cheio. Assim, tão logo a Rádio Nacional começou a transmitir novelas de Dalva de Matos, choveram os telefonemas. Todos desejavam conhecer maiores detalhes em tôrno dessa produtora, embora a PRE-8 fizesse "bôca de siri" sôbre a mesma.

Mas, quem será mesmo de Matos? Nada mais, nada menos do que o conhecidissimo e famoso Amaral Gurgel. Escondendo-se sob êsse pseudônimo, êle divide suas atividades entre a Rádio Globo e a Rádio Nacional, sendo que, na primeira, êle responde pelo Departamento de Rádio-Teatro.



BARBARA
STANWYCK
(Paramount)

ACUSAM VITORIO DE SICA DE ARRUINAR A VIDA DE UM HOMEM

O "CASO" DE LAMBERTO MAGGIORANI E' O TEMA DO DIA NA EUROPA E NOS ESTADOS UNIDOS --- NOVOS DETALHES

de **LIONEL ARAÚJO**

Os leitores já conhecem vários aspectos do «caso» LAMBERTO MAGGIORANI, êsse operário que foi escolhido por Vitório de Sica, para ser o galã de «Ladrões de Bicicletas», e que, depois de ganhar celebridade internacional com essa película, começou a passar fome. Daí surgiram sérias acusações da mulher de MAGGIORANI contra De Sica, a quem responsabiliza francamente de haver arruinado a vida de seu espôso.

UM GOLPE DE AZAR

LAMBERTO MAGGIORANI trabalhava em uma Fábrica de Roma, como operário e depois de 16 anos de casa, havia chegado a um satisfatório salário de uns Cr$ 36,00 por dia. Certa tarde, sua mulher, Giuseppina, inteirou-se pelo rádio, de um concurso organizado por Vitório de Sica para a escolha de um rapaz que deveria desempenhar um importante papel em «Ladrões de Bicicletas».

Giuseppina é favorável a essa perniciosa mania das mães de nosso tempo, empenhadas em acreditar que seus pequenos são prodígios. Sem perda de tempo, tomou uma foto de seu filho Enrico, de 9 anos e a lévou a De Sica, que começou a estudá-la com grande atenção.

Giuseppina tinha quase tocado o céu com as mãos, quando de Sica lhe dirigiu a palavra para dizer-lhe:

— O pequeno não me interessa; mas o homem que está com êle pode servir-me.

— E' o pai.

— Pode vir ver-me?

— Sim, senhor, sim...

A FAMA... E 13.400 CRUZEIROS

De Sica encontrou em MAGGIORANI o «homem ideal» para sua película, e a êle ofereceu uma quantia equivalente a pouco menos de 13.400 cruzeiros para atuar nela. LAMBERTO não quis aceitar até ter a certeza de que conservaria seu posto de operário, e que, depois de fazer o filme, seguiria ganhando seus 36 cruzeiros diários.

O TRISTE DESPERTAR

MAGGIORANI desejou entrar para o cinema, mas, como não era ator, não se aventurou a isso. Havia estado muito bem, representando um homem que, de certo modo, era êle mesmo. Porém em outros papéis, a cousa mudava. Entretanto, o outro debutante de «Ladrões de Bicicletas», o pequeno **Enzo Staiola**, era reclamado por todos os produtores e fazia fortuna.

LAMBERTO voltou à fábrica. O contacto com os velhos camaradas e com seu trabalho, lhe devolveu um pouco de alegria. Enquanto sua película ganhava milhões, êle voltou a contentar-se com seus 36 cruzeiros diários, porém com o amargor de sair do mundo dourado do cinema para a rusticidade do trabalho manual.

Pouco depois começou a escassear o trabalho na fábrica e começaram a despedir os operários. O capataz foi falar-lhe, dizendo que havia outros companheiros mais necessitados que êle, e que como êle havia ganho muito dinheiro com o cinema, decidiu-se incluí-lo na lista dos despedidos.

GUISEPPINA ENFURECEU-SE CONTRA DE SICA

A situação foi terrível. Teve de empenhar ou vender as cousas compradas com o sôldo de «Ladrões de Bicicletas». Trabalhou, quando encontrou emprêgo, removendo escômbros. E sua mulher, que teve de converter-se em lavadeira, pôs a bôca no mundo, acusando pùblicamente a De Sica de haver arruinado a vida de seu espôso e de tôda sua família.

Diários e revistas publicaram a acusação de Giuseppina, e, pelo menos, algum resultado obteve. Geza Radvanyi, o diretor de «Em qualquer parte da Europa» leu o assunto e atraído pela história de MAGGIORANI, decidiu levá-la ao palco, com o mesmo LAMBERTO como protagonista. Desta maneira, a situação remediou-se precàriamente.

A fúria de Guiseppina chegou a tal ponto — quando seu marido parou de falar — que chegou a gastar muitas de suas últimas liras na compra de um porco: — batizou-o com o nome de Vitório de Sica, engordou-o e com grande satisfação comeu-o. E não achou nenhum inconveniente em permitir que tirassem fotos no momento em que com grande prazer, estava engulindo o De Sica, quer dizer, o animalzinho, que no fim das contas, foi quem pagou o pato, como dizemos todos.

CORREIO DO FÃ

SÉRGIO SÁ MENDES (Rio) — a) Possibilidades de se reprisar «Um Amor em Cada Vida» (Love Letters) há, sem dúvida alguma; o que não sabemos é se há cópias para isso. Enquanto aguardamos uma solução definitiva da Paramount (dar-lhe-emos nova resposta), passemos à sua outra pergunta. b) Confessamos que o «caso» Selznick está ficando cada vez mais confuso e mais complicado. Por isso, não lhe podemos dar certeza se ainda êste ano veremos seus filmes no Brasil. A princípio, a United estava com a distribuição de seus filmes. Depois houve uma longa pausa, enquanto tôdas as revistas e jornais, reclamavam a exibição de «Duelo ao Sol», «Retrato de Jennie», etc. Nada feito. Houve, talvez, rompimento de contrato. Correu o boato de que a Telefilmes compraria três de seus mais famosos filmes, inclusive o célebre «Duelo ao Sol». Mas ficou só em boato, pois o telegrama de resposta de Selznick exigia uma soma fabulosa em troca da distribuição de suas películas. Positivamente, o homem está se vendendo caro; e isso, tome nota, é só para quem pode... c) Infelizmente, não pudemos responder afirmativamente a nenhuma de suas perguntas. Mas para que não fique muito triste conosco, a terceira, que é um pedido, será atendido: aguarde, num dos próximos números, uma reportagem com Jennifer Jones. Satisfeito?

★

FRANCISCO B. FONSECA (Caxambu, Minas) — A «Coluna do Fã» não foi abolida, absolutamente. Só deixa de sair por falta de espaço ou por falta de colaborações. Seu trabalho «O filme que eu não vi» foi publicado na edição de 4 de janeiro deste ano. E pode continuar remetendo outros artigos, pois aqui estamos, sempre ao dispor de nossos leitores.

★

CHEILA MARIA (Rio) — Esteja à vontade, Cheila, e não se acanhe em fazer perguntas. E aqui vão as respostas para matar a sua curiosidade a respeito de seu astro predileto: — Burt Lancaster. Nasceu a 2 de novembro de 1913 (37 anos) na cidade de Nova York. Além de ter sido acróbata de circo, foi também chofer de caminhão, vendedor e corretor de apólices. Sim, é casado com Norma Anderson, que conheceu na Itália, quando ela divertia naquele setor as tropas de Tio Sam e êle servia no 5º Exército. Tem dois filhos, Bill e Jim. Contente? Torne a aparecer.

★

CÉLIO QUIRICO (São Paulo) — De antemão, ficamos-lhe agradecidos pelos louvores atribuidos a A CENA que, modéstia à parte, ela bem merece. Quanto à não publicação de dois de seu trabalhos para a «Coluna do Fã», os motivos são simples e fàcilmente aceitável: «Mais um crítico empunha o megafone é dedicado, em grande parte, à defesa do crítico Jonald, com quem acabávamos de estabelecer uma polêmica por intermédio de nossas páginas — e, convenhamos, se publicassemos seu artigo teriamos de publicar outros tantos de opinião contrária, e isso seria prolongar a polêmica, dada por encerrada pelo próprio Jonald. Concorda? «Liana a Pecadora», segundo sua opinião, pareceu-nos ter sido assistido por você e acreditamos por isso que o filme houvesse sido exibido em São Paulo, certos, portanto de que se tratava de uma matéria atrasada. Engano nosso. A seção «Hollywood me ensinou» foi encerrada a fim de não se tornar «repetida», abrangendo um ciclo de doze espécies de filmes americanos, o que já é muito. Brevemente sairemos para outra seção, no gênero humorístico. Questão de surgir uma idéia e algum tempinho para executá-la, okay?

★

PEDRO BRANDÃO RODRIGUES (Calama, Território do Guaporé) — A ÁLBUM DE A CENA solicitado será remetido. E' só?



Danny Kaye, comediante norte-americâno e mestre da pantomina, é visto aqui (sentado ao centro) em uma cena do filme «The Inspector General».

DANNY KAYE

por EDWIN MILLER
(Exclusividade da USIS para A CENA)

DANNY Kaye, comediante norte-americano, canta, dança e representa; tem um gênio cômico genuino e integral. E, por meio de alguma alquimia pessoal, consegue magnetizar uma platéia, mesmo com as costas voltadas para ela. Basta-lhe caminhar até às luzes da ribalta e a platéia é sua, completamente sua.

No palco, Kaye é como um homem possesso. Dá quase a impressão de estar dominado por alguma loucura cômica. No meio de um "sketch", corre para os bastidores, com um brilho selvagem nos olhos, e troca de costume, apenas enrolando as pernas das calças e retirando um braço da manga do palitó. Resmunga então com prazer: "Estou louco, louco, louco... Estou louco."

Danny Kaye dá à sua platéia uma impressão de alegre otimismo.

"Não adianta — afirma êle — fazer teorias intelectuais em tôrno de minha comédia. Eu absolutamente não sei o que é, mas apenas sinto uma sensação maravilhosa quando estou diante de gente. Cantei canções quando tinha cinco anos de idade e, aos 13 anos, tentei entrar para o rádio. As coisas aparecem para mim no palco. Preciso estudar a platéia que tenho à minha frente: o que dizem os espectadores, como sentam, o que parecem desejar. Em seguida, dou-lhes o que desejam."

Desde 1943, Danny Kaye vem dedicando a maior parte de seu tempo ao cinema. Fêz cinco filmes nos têrmos de um contrato de cinco anos com o produtor Samuel Goldwyn e seu primeiro filme para a "Warner Brothers", "The Inspector General", foi recentemente distribuido. Contudo, sempre que pode, volta à platéia "viva". Como disse êle próprio, "ser comediante sem platéia é o mesmo que usar uma faca sem a amolar."

Kaye não gosta de discutir sua vida pessoal para fornecer material a repórteres. "Fico tão cansado de repetir meus hábitos para repórteres. Depois de dizer durante 10 ou 14 anos "Nasci no Brooklyn e meu pai era um alfaiate..." E paralisador."

Quando Danny se apresenta em algum dos grandes palácios cinematográficos de Nova York, parece não poder jamais estar sòzinho, quer no palco ou fora dêle. Há sempre pessoas em seu camarim. Seu empresário, seu criado ou parentes que aguardam a oportunidade de vê-lo em um intervalo.

Quando a conversação enfraquece, Danny tem o hábito de permanecer em silêncio. Surge em sua fisionomia uma expressão triste e abstrata; êle parece retirar-se dos limites de seu camarim para um mundo triste e só seu. Anima-se ao falar sôbre o povo inglês. — "Gosto de representar no circuito inglês. O povo lá é maravilhoso, cheio de humor, apreciação e boa disposição. Eu gostaria de fazer uma excursão pelas provincias e, em seguida, ir à Austrália e Canadá".

Danny considera a arte de representação como "uma espécie peculiar de negócio. E' um negócio absolutamente envolvente no inicio. A gente come teatro, dorme teatro, sonha teatro e continua sempre trabalhando para aperfeiçoar-se. Não se podem dissipar as energias porque esforça-se tão intensamente para chegar a algum lugar que não sobra tempo para qualquer outra coisa. Depois de chegar àquele lugar — se chegar — a gente pode descansar um pouco."

Danny faz uma avaliação de si próprio: "Não penso que qualquer pessoa seja realmente responsável pela carreira de qualquer um. Penso que se trata de uma série de acontecimentos, uma série de pessoas que ajudam a moldar e criar a carreira de alguém. E' o efeito cumulativo..."

Mas é preciso haver um comêço. No caso de Danny, o comêço foi quando êle nasceu com nome de Daniel David Kaminsky, na rua Bradford, distrito de Brooklyn, em Nova York, no dia 18 de janeiro de 1913. Danny sintetiza seus anos de infância, dizendo: "Quando deixei a Escola Secundária Jefferson, em Brooklyn, não tinha a mais vaga noção do que o futuro me reservava. Eu havia sido um tanto extrovertido desde os cinco anos e, encorajado por meu pai e minha mãe, fazia imitações, cantava e dançava em festas. Lembro-me também de ter representado o papel de semente de melancia na escola secundária."

Seu pai, Jacob, era alfaiate e trabalhava longas horas para ganhar a vida. Sua mãe morreu quando Kaye ainda era muito pequeno. Em tais circunstâncias, Kaye cresceu em absoluta liberdade.

Durante os anos em que freqüentou a escola secundária, Danny sentia-se mais ou menos limitado aos clubes sociais das vizinhanças para dar vasão a suas tendências teatrais. Aos 17 anos, aborreceu-se da escola, da qual se lembra principalmente devido ao atletismo (era um bom jogador de "baseball" e fazia parte da equipe de saltos com vara).

Seu primeiro emprêgo foi como caixeiro em uma "drugstore" das vizinhanças. Em seguida, Danny tentou ser inspetor de seguros, mas foi novamente demitido do emprêgo. Mais ou menos nessa época, Danny fêz um exame de sua situação. Sempre fôra o rapaz engraçado de seu bairro; parecia não servir para outra coisa. Por êsse motivo, empregou-se em uma cadeia de estâncias de veraneio nas montanhas Catskill, no Estado de Nova York. Êsses hotéis davam aos artistas principiantes a oportunidade de servir a mesa e fazer outros serviços, em troca da oportunidade de divertir os hóspedes.

Danny e outro candidato a ator, Louis Eisen, trabalharam nessa cadeia de hotéis durante duas temporadas, desenvolvendo seus ta-

lentos. Uma das principais funções era divertir os hóspedes nos dias de chuva para que os mesmos não deixassem o hotel. Durante o inverno, tentavam interessar os produtores da Broadway por suas especialidades e quase morriam de fome.

Depois do segundo verão, Eisen voltou ao Brooklyn para ser massagista. Danny continuou na mesma situação até quando dois jovens bailarinos, Dave Harvey e Kathleen Young, notaram-no no hotel em que estava trabalhando. Introduziram-no em seu número, ensinando-lhe alguns rudimentares passos de dança. O trio estreou na cidade de Utica, Estado de Nova York, em 1933. No primeiro espetáculo, Danny caiu; Harvey não o deixou levantar enquanto a platéia não começou a rir.

O trio excursionou até Detroit, no Estado de Michigan, onde seu número foi assistido por um empresário chamado A. B. Marcus, que tinha uma companhia formada por comediantes de vários tipos e algumas coristas. Danny passou a trabalhar em 16 dos 18 atos da revista como comediante, em troca de um salário muito pequeno. "La Vie em Paris", como era chamada a revista, foi apresentada em 41 espetáculos únicos em cidades dos Estados Unidos até chegar a São Francisco, na Califórnia. Em seguida, a companhia embarcou para o Oriente. "La Vie em Paris" foi apresentada em Xangai, Tóquio, Hon-Kong, Singapura, Bangkok e várias outras cidades do Extremo Oriente. Entre outras coisas, Kaye escapou por pouco de ficar ferido em um furacão.

Em suas tentativas de interessar os japonêses, Danny cercava algumas palavras japonêsas com uma coleção de silabas que soavam como se fôssem japonêsas, mas na realidade nada significavam. A técnica tornou-se muito popular e tem sido usada desde então por Kaye, que possui um belo ouvido para linguas, sem compreendê-las. Durante a excursão, Danny aperfeiçoou também maravilhosamente o uso da pantomima. Para reduzir a constante dificuldade de linguagem no Extremo Oriente, usava a fisionomia e as mãos para apresentar uma canção ou qualquer outra coisa que estivesse tentando fazer.

Depois de dois anos passados dessa forma, regressou aos Estados Unidos. Durante os quatro anos seguintes dedicou-se principalmente a trabalhar de novo nas estâncias de veraneio. Nesse mesmo periodo, estêve também rápidamente em Londres como membro de um "troupe" de dançarinos.

Em 1939, antes do inicio da temporada de férias de verão, Danny percorria os escritórios teatrais, quando encontrou por acaso um produtor chamado Nat Lichtman. Êste estava trabalhando com um grupo de jovens atores teatrais que não conseguiam interessar os produtores profissionais por seus talentos. Êsse grupo, que dera a si próprio o nome de "The Keystone Players", estava tentando apresentar uma série de espetáculos dominicais de variedades e Lichtman pensou que o negócio poderia interessar a Danny.

Certo dia, Danny entrou no salão de ensaio, caminhou em direção a uma jovem de cabelos pretos e olhos vivos que estava ao piano e declarou: "Sou Danny Kaye". A jovem respondeu: "Que tem isso?". Depois dessa breve troca de palavras, cada um se retirou para seu canto. Mais tarde, naquela mesma noite, Danny cantou uma das duas canções. A jovem imediatamente reconheceu seu talento e apresentou-se. Era Sylvia Fine.

Mais tarde, Danny descobriu que ambos haviam vivido no mesmo quarteirão em Brooklyn, freqüentado as mesmas escolas e conhecido as mesmas pessoas, sem jamais se encontrarem. Enquanto Danny estava no Extremo Oriente, Sylvia estudava música no Broklyn College. Ganhara a vida dando lições de piano e, ao mesmo tempo, fazendo demonstrações de preparo de sopas na seção de mercadorias de um grande estabelecimento comercial.

Sylvia Fine e outro escritor, Max Liebman convenceram Danny a voltar com êles às montanhas Catskill. Começaram então a colaborar na preparação de materiais especiais para Danny. Dedicavam tôdas as suas energias a compor peças que permitissem o melhor aproveitamento do extraordinário talento de Kaye, de sua mimica e sua sátira, sua furiosa energia e sua fisionomia e mãos maravilhosamente expressivas.

Todo sábado à noite, em seu acampamento de verão, apresentavam uma revista com duração de uma hora. No fim da temporada, os dez melhores "sketches" dessas revistas foram reunidos sob o nome de "Straw Hat Revue". Os Schuberts, empresários teatrais de Nova York, interessaram-se pela revista a ponto de montá-la em um teatro de Nova York. "Straw Hat Revue" malogrou, permanecendo no cartaz apenas dez semanas.

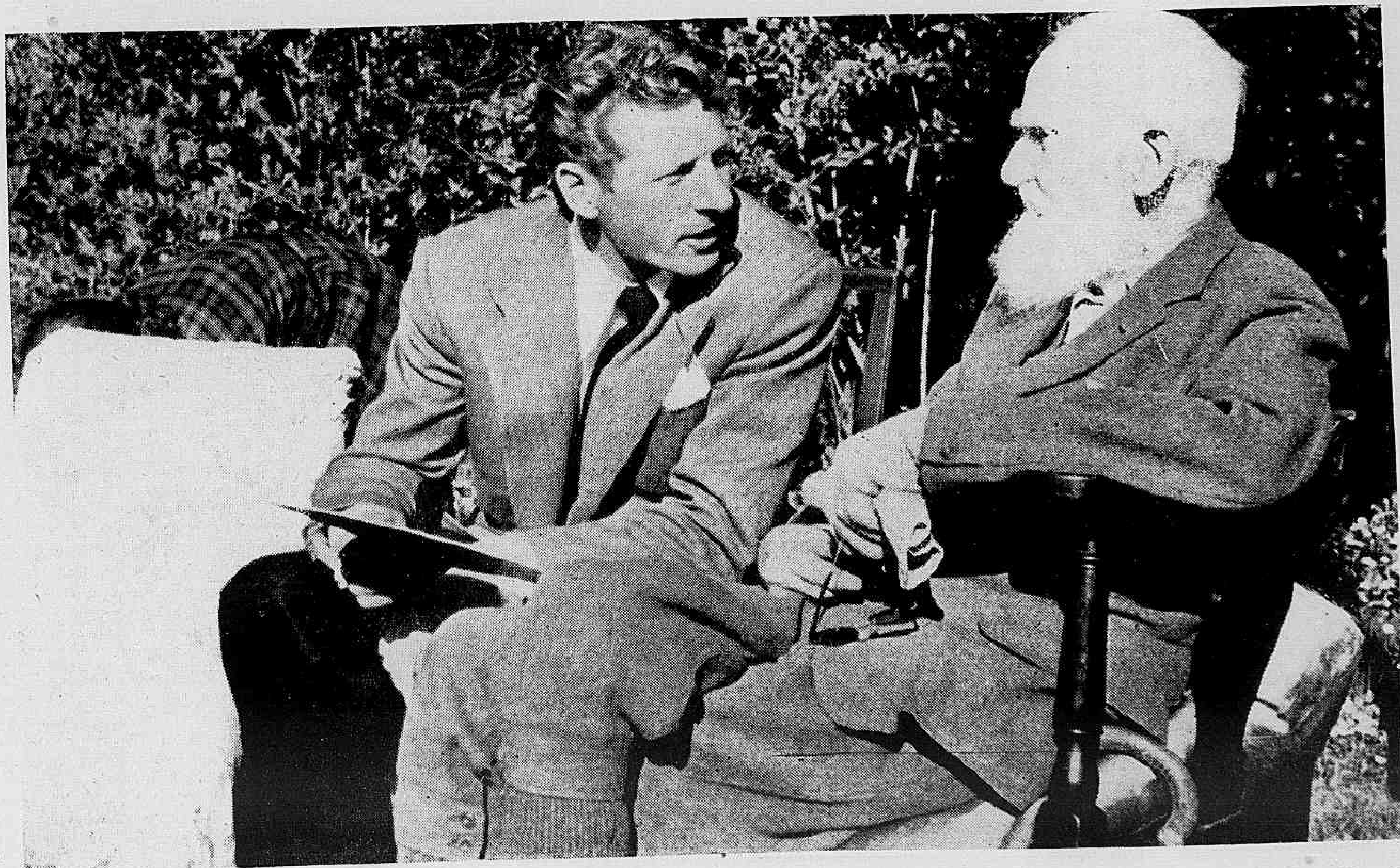
Suspensos os espetáculos, Max Liebman levou Danny para o Estado de Flórida, no Sul dos Estados Unidos, a fim de animá-lo um pouco. Enquanto lá se encontrava, Danny sentiu saudades de Sylvia; cedendo a um impulso, chamou-a pelo telefone interurbano e propôs-lhe casamento. Casaram-se em 3 de janeiro de 1940.

Durante sua lua-de-mel, um agente teatral, Harry Bestry, convenceu o proprietário de um "night club" de Nova York, "La Martinique", a dar uma oportunidade a Danny. Os Kaye regressaram da Flórida e Danny começou a preparar o seu melhor material. Eletrizou os céticos com números como os "sketches" de Sylvia Fine e Max Liebman "Anatole of Paris" e Stanislavsky", êste último de sátira ao famoso diretor do Teatro de Arte de Moscou. O contrato de Danny, que era de três semanas, estendeu-se por dezoito semnas e seu salário, já estava triplicado quando se cansou do emprêgo.

Moss Hart, compositor e produtor de Nova York, viu o número de Kaye e imediatamente escreveu um papel para o brilhante ator em sua comédia musical "Lady in tre Dark". Para esta peça, Danny estava em perfeita forma. Quando permaneceu em pé no palco na noite de estréia e cantou "The Tschaikovsky Song", cuja letra era constituida apenas dos nomes de 49 compositores russos, cantados em 40 segundos, o espetáculo foi interrompido por prolongados aplausos.

(Cont. na pág. 26)

O comediante Danny Kaye é tão popular na Inglaterra quanto nos Estados Unidos. A fotografia mostra-o tomando chá com George Bernard Shaw, o grande teatrólogo irlands recentemente falecido. — (Foto USIS, cedido por «King Feature Syndicate»)



DANNY KAYE

(Cont. da pág. 25)

Danny cumpriu ao mesmo tempo outro bem sucedido contrato com "La Martinique" e, quando "Lady in the Dark" saiu do cartaz para o periodo de verão, apresentou-se durante cinco sensacionais semanas no Paramount Theatre de Nova York. Cole Porter, compositor norte-americanos e colaborador de Moss Hart, ofereceu a Danny o papel principal em sua nova peça. Em 29 de outubro de 1941, apresentou-se como astro na estréia de "Let's Face It". A peça permaneceu no cartaz durante cêrca de 16 meses, sòmente sendo retirada porque Danny partiu para a costa ocidental, a fim de dedicar-se ao cinema em Hollywood.

Mais ou menos nessa época, Kaye começou a ser perseguido por pessoas que desejavam saber de onde surgira essa "sensação aparecida da noite para o dia". Com uma espécie de desespêro controlado, Kaye explicava: "Apresentei-me em tôda cidadezinha dos Estados Unidos, lutei em todo o mundo, trabalhei em "night clubs", "vaudeville", acampamentos de verão, espetáculos beneficientes e comédias musicais, antes de me tornar um astro cinematográfico."

★

Danny Kaye pôs-se a trabalhar em Hollywood, capital cinematográfica dos Estados Unidos, com Sylvia Fine, sua espôsa, e Max Liebman, seu velho amigo e companheiro de "vaudeville". Ambos colaboraram em grande parte de seu material especial em "Up In Arms", que muitos criticos consideram como um dos filmes mais engraçados já produzidos desde a introdução do cinema sonoro.

Danny tem uma voz que pode ser classificada como de alto barítono, com alcance de duas oitavas. Pode imitar um baixo lirico, um tenor irlandês, um contralto ou um melodioso gondoleiro. Cantando coisas sem nexo, pode atingir até 250 palavras por minuto.

Danny é também capaz de cantar corretamente uma canção. Fêz isso pela primeira vez no cinema em "The Inspector General", onde canta "Lonely Heart". No entanto, já o fizera antes em gravações como "Molly Malone", "Eileen" ou "Lullaby for Dena". Esta última foi composta para sua filha Dena, que nasceu em 17 de dezembro de 1946.

Kaye continuou sua carreira no cinema com "Wonder Man", "The Kid from Brooklyn", "The Secret Life of Walter Mitty" e "A Song is Born". "Mitty", baseado em um conto de James Hurber, popular escritor norte-americano, será lembrado durante muito tempo por suas seqüências de fantasia extraordinàriamente engraçadas. Em várias cenas, Kaye imagina-se uma figura heróica e popular, da espécie que todos nós às vêzes sonhamos ser. Para um de seus "sketches", no qual interpreta o papel de dr. Mitty, o cirurgião mundialmente famoso, Kaye baseou sua atuação em seus conhecimentos sôbre salas de operação. Danny teve a ambição frustrada de ser cirurgião e sempre que pode assiste a operações, com permissão dos médicos.

"Tôda atuação que já tive no palco ou na tela — diz Danny — resulta da observação ou inspiração da vida cotidiana. Eu tenho boa memória. Se vejo alguém fumar um cigarro de maneira estranha, caminhar de maneira incomum ou falar com um vicio nervoso, eu me lembro disso. Em seguida, quando interpreto êsse tipo de papel, junto todos os maneirismos e surjo com uma nova caracterização. Contudo, deve haver um elemento de verdade. As coisas devem parecer reais, por mais ridiculas que sejam".

Danny Kaye é um individuo diferente em cada meio de diversão: "night clubs", rádio, cinema e palco. No cinema, faz coisas com gestos sutis e expressões faciais que ficariam perdidos em um teatro grande.

Em 15 de janeiro de 1945, Danny Kaye apresentou-se na rêde da "Colômbia Broadcasting System" com o programa "Danny Kaye Show", que foi levado ao ar durante 39 semanas em duas temporadas, até o verão de 1946. O programa provocou reações variadas. O critico de um jornal de Nova York escreveu: "Sou grande admirador de Danny Kaye, que me faz ter convulsões de riso em alguns segundos — quando o posso ver — mas no ar, êle tem sido até agora um doloroso desapontamento". "Time Magazine" fêz, porém, o seguinte comentário: "Na semana passada, êle provou que podia ser engraçado no escuro. Interpretou todos os papéis de um ato de falas rápidas, entre cujos personagens incluia-se meia dúzia de nacionalidades, dois sexos, piadas variadas e um pouco do reino animal."

Segundo sua própria definição, Danny é um "cômico de platéia". Êle não conta piadas; interpreta situações cômicas. Embora dê a impressão de trabalhar espontâneamente, Kaye considera "dificil ser engraçado". Às vêzes passa uma hora ou mais ensaiando um ato de sessenta segundos.

Às vêzes, Danny distrai seus amigos com uma atuação "particular". Êsse ato, no qual é conhecido como "O Comedor Apressado", foi incluido em "The Inspector General". Trata-se do estudo de um homem que senta à mesa e, enquanto mastiga e engole a comida de seu prato, conserva suas mãos em movimento sôbre a mesa inteira, procurando mais coisas para comer. Danny nunca olha para qualquer de seus companheiros de mesa. Êsse ato obtém grande sucesso quando está jantando em sua casa seu amigo Jack Benny, o grande comediante norte-americano. Benny em geral é obrigado a comer um sanduiche antes do jantar e, em seguida, passa a hora do jantar caído no chão, em convulsões de riso, enquanto observa Kaye comer.

Quando está em casa e o telefone toca, Kaye interpreta outro número. Cada vez que atende ao telefone, fala em um dialeto diferente, sustentando que "seu patrão" não está em casa. Seus amigos discam o número do telefone várias vêzes, esperando pacientemente, enquanto conversam com o criado japonês, o mordomo negro, o cozinheiro siamês e o chefe da cozinha francês, até que Kaye decida chamar a si próprio ao telefone.

Certa ocasião, Danny viu Mervyn LeRoy, produtor cinematográfico norte-americano, na barbearia de um hotel; tomando o lugar do barbeiro, embrulhou uma dúzia de toalhas quentes no rosto de LeRoy até que êste saltou de sua cadeira e fugiu, pensando estar sendo sufocado por uma barbeiro louco.

Kaye preocupa-se extremamente com seu estado de saúde. Sabe-se que faz visitas periódicas a estâncias de tratamento de saúde, onde caminha de 15 a 20 quilômetros por dia. Consome também grande quantidade de vitaminas em curtos periodos de tempo. Sustenta a teoria de que o teatro e a cirurgia têm muita coisa em comum, o que concorda com seu interêsse pela saúde e medicina. "Tanto no palco como na sala de operações — diz êle — a gente precisa estar preparada para emergências inexplicáveis. Precisa-se estar preparado para improvisar."

Danny orgulha-se muito dos serviços que prestou durante a segunda guerra mundial. Vendeu grande número de bônus de guerra dos Estados Unidos. Uma de suas mais bem sucedidas excursões foi feita com seu amigo Leo Durocher, empresário de um famoso quadro norte-americano de "baseball". Nessa ocasião, visitaram acampamentos do exército no Pacifico e no Extremo Oriente, percorrendo na viagem cêrca de 50.000 quilômetros. Foram os primeiros elementos a divertir os soldados norte-americanos no Japão e na Coréia. Durocher contava histórias de "baseball" durante 60 minutos, em seguida Danny apresentava números durante uma hora. Ambos terminavam com um velho ato de "vaudeville", em que se apresentavam com chapéus de palha e casacos-esporte.

Em 1946, o governador do Estado de Colorado conferiu a medalha "General Rose Memorial Hospital" a Danny Kaye em reconhecimento pelos serviços prestados durante a guerra. Em fevereiro do mesmo ano, Danny roubou um pouco de tempo de sua carreira cinematográfica para voltar ao "povo". Tinha, então, um estranho contrato com o Paramount Theatre, de Nova York, em cujos têrmos sua atuação no palco não tinha limites de tempo. O ator comum geralmente apresenta-se durante 30 minutos entre as exibições cinematográficas. Kaye, cujo tempo dependia da platéia, permanecia no palco de 15 a 45 minutos; em certa ocasião, apresentou 91 minutos de continua comédia. Os assistentes entusiastas chegavam para fazer filas pela madrugada, carregando caixas com lanches, e voltavam para suas casas à noite. Durante aquêle mês, a policia foi chamada duas vêzes para dispersar multidões de cêrca de 2.000 pessoas que se reuniam diante da bilheteria do Paramount, em Times Square. O trânsito ficava completamente paralisado. As pessoas gostam de Kaye e êste gosta de pessoas, tendo dito certa vez: "Elas são a minha adrenalina". Observou, certa ocasião, que fazer um filme cinematográfico é "como jogar tênis sem ter ninguém do outro lado da rêde".

Por ocasião de seu triunfante regresso à Inglaterra, em fevereiro de 1948, o jornal londrino "The Daily Express", falando sôbre sua "segunda" estréia no enorme salão do "Palladium", de Londres, classificou-o como "o único idiota realmente satisfatório no negócio de espetáculos teatrais". Danny passou um belo periodo na Inglaterra, variando sua atuação por meio de números como aquêle em que se deitava no palco e dirigia um periodo de "perguntas e respostas". Certa noite, o primeiro ministro Winston Churchill ocupou uma cadeira da primeira fila. Os fotógrafos chegaram logo em seguida, mas Danny aconselhou-os a deixar de tirar fotografias de Churchill e fotografar a êle, Danny, pois os britânicos já conheciam muito bem o seu primeiro ministro. Êsse conselho provocou acessos de hilaridade em tôda a platéia, inclusive em Winston Churchill.

Em resultado de sua atuação, recebeu uma oferta para voltar à Inglaterra a fim de participar do "Royal Command Variety Performance", uma espécie de gigantesco espetáculo de variedades. Danny realizou uma viagem de 20.000 quilômetros, ida e volta, para participar dêsse único espetáculo, apresentado em 1.º de novembro de 1948. Permaneceu no palco durante 30 minutos, duas vêzes mais tempo do que qualquer dos outros 300 atores do espetáculo. Noticiou-se que o rei George, a rainha Elizabeth, a princesa Margaret e o duque de Edinburgh, ocupantes do camarote real, também fizeram parte do côro de "Minnie, the Moocher". No dia seguinte, o embaixador norte-americano e sra. Lewis Douglas ofereceram a Kaye uma festa, em que estêve presente a princesa Margaret.

O fato foi também comemorado pelo Museu de Cêra de Madame Tussaud, que inaugurou uma estátua de Kaye. Danny partilhou assim dessa honra com notáveis artistas cinematográficos norte-americanos como Charlie Chaplin, Mae West, Bette Davis, Norma Shearer e Greer Garson.

(Cont. na pág. 30)

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

"ENQUÊTE" DE "A CENA" ENTRE SEUS LEITORES

QUAIS OS MELHORES DE 50?

1ª APURAÇÃO

Êste é o resultado da primeira apuração. Infelizmente, não nos foi possível apurar tôdas as cartas que nos chegaram às mãos, ficando as restantes, portanto, para a 2ª apuração, já na próxima semana. Os leitores que ainda não enviaram os seus votos devem fazê-lo IMEDIATAMENTE, a fim de apressar o resultado final com o maior número de cartas possível.

ESTRANGEIROS

Filmes

Ladrões de Bicicletas .... 4 votos
Tarde Demais .... 2 votos
Pôrto de Nova York .... 2 votos

Diretores

John Hustou (Segrêdo das Jóias) .... 4 votos
Jules Dassin (Mercado de Ladrões e Sombras do Mal) .... 2 votos
Vittorio de Sicca (Ladrões de Bicicleta) .... 2 votos
William Wyller (Tarde Demais) .... 2 votos
Rudolph Matté (Passado Tenebroso e Destino Amargo) .... 2 votos

Atores

James Cagney (Fúria Sanguinária) .... 4 votos
Edward G. Robinson (Sangue do Meu Sangue) .... 2 votos
Scot Brady .... 2 votos

Atrizes

Olivia de Havilland (Tarde Demais) .... 6 votos
Eleanor Parker (À Margem da Vida) .... 2 votos
Claudette Colbert (Homens que foram feras) .... 2 votos
Lauren Bacall .... 2 votos

Coadj. masculino

Sam Jaffe (O Segrêdo das Jóias) .... 5 votos
Ralph Richardson (Tarde Demais) .... 2 votos

Coad. feminino

Hope Emerson (À Margem da Vida) .... 6 votos
Mercedes Mc Cambridge (A Grande Ilusão) .... 4 votos

Fotógrafos

Max Greene (Sombras do Mal) .... 3 votos
Gabriel Figueroa (Enamorada) .... 2 votos

Parttiura

Max Steiner (À Margem da Vida) .... 4 votos
Victor Young (Meu maior amor) .... 3 votos
Franz Waxman (Sombras do Mal) .... 2 votos
Miklos Rozsa (Segrêdo das Jóias) .... 2 votos
Alfred Newman .... 2 votos

NACIONAIS

Filmes

Caiçara .... 8 votos
A Sombra da Outra .... 6 votos
O Pecado de Nina .... 4 votos
Porta do Céu — Caraça .... 3 votos

Diretores

Watson Macedo (A Sombra da Outra) .... 12 votos
Adolfo Celi (Caiçara) .... 5 votos
Eurides Ramos .... 2 votos

Atores

Anselmo Duarte (A Sombra da Outra) .... 13 votos
Gilson de Paula (Caraça) .... 4 votos
Cyl Farney (O Pecado de Nina) .... 3 votos

Atrizes

Eliane Lage (Caiçara) .... 9 votos
Eliana (A Sombra da Outra) .... 7 votos
Fada Santoro .... 5 votos

Fotógrafo

Edgard Brasil (A Sombra da Outra) .... 9 votos
Chick Fowle (Caiçara) .... 6 votos
Hélio Barroso Neto (O Pecado de Nina) .... 4 votos

Partitura

Francisco Mignoni (Painel e Caiçara) .... 11 votos
Lyrio Panicalli (A Sombra da Outra) .... 6 votos

NOTA IMPORTANTE: — Muitos filmes, diretores, astros, etc. foram classificados com um voto. Não os publicaremos em virtude de ocuparem muito espaço. Já na próxima apuração, quando forem melhor classificados, começarão a aparecer. Aguardem.

RELAÇÃO DAS CARTAS QUE TOMARAM PARTE NESTA APURAÇÃO: — Cinemaníaco (São Paulo); Roberto Moraes Lôbo (Rio); Alcides de Carvalho (Santa Rita do Passa Quatro); Elias de Souza (Niterói); Ana Macedo (Friburgo); José Roberto Moraes de Lima (São Paulo); Nelson Hernandez (São Paulo); Aparecida Maria Hernandez (São Paulo); Juventino Silva Lôbo (S. Paulo); Sérgio Sá Mendes (Rio); Murilio de Avelar Hingel (Juiz de Fora); Marly Carvalho (Rio); Gisélia de Paula (Lima Duarte); Neiva de Alencar (Juiz de Fora); Jacy Moreira da Silva (Rio); Nila N. Duque Estrada (Nova Friburgo); Antônio Carlos Horta Júnior (Belo Horizonte); Néia Parente (Pádua); Helena Pereira da Rocha (São Paulo); Hugo Motoyama (Bauru); Zenaide Francia (Rio); Leila Francia (Rio); Vera de Lucca (Belo Horizonte).

CORRESPONDÊNCIA

Tôda correspondência para esta enquête, deve ser endereçada a

"QUAIS OS MELHORES DE 50?
Redação de A CENA
Rua Visconde de Maranguape, 15
RIO DE JANEIRO."

Uma cousa...



...exige outra



Polvilho Antisséptico
GRANADO





COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

TRES PALAVRINHAS
(Three Little Words, Metro)

Hollywood tomou o hábito (bom hábito, aliás) de focalizar nos seus musicais a vida e a obra de seus compositores. Já tivemos Cole Porter, Rodgers & Hart, Irving Berlin, George Gershwin e poucos mais. Verdade, pouco ou quase nada de real existe nesses filmes, e tudo não passa de simples «pretexto» para se executarem as suas composições. Com exceção feita de «Rhapsody in Blue» (George Gershwin) sem dúvida um dos melhores musicais de todos os tempos, o resto dêsses filmes se assemelha tanto na forma como no conteúdo, com a diferença de que as melodias ao invés de terem sido escritas por fulano, são por beltrano. A própria Metro que havia focalizado antes uma dupla famosa em «Minha Vida é Uma Canção» (Rodgers & Hart), dado o sucesso do filme, escolheu uma nova dupla: Bert Kalmar e Harry Ruby. Contratou um cenarista para escrever a história, colocou ali alguns «gags», escolheu Fred Astaire para personificar Kalmar e Red Skelton para viver Ruby. Tanto um como outro são um espetáculo à parte, e mr. Leão resolveu juntá-los, misturá-los com Vera Elen (outro espetáculo, essa menina!), Arlene Dahl (nona maravilha, senhores!) Keenan Ween, Glória de Haven (numa pontinha), orquestra de Phil Reagan, todos sob o mais deslumbrante tecnicolor, com muito sapateado, muito bailado, muitas canções e muitas situações cômicas. O resultado é o mesmo de sempre: muitos fãs à porta dos cinemas para passarem alguns momentos agradáveis. E os compositores focalizados só não processam o estúdio porque, afinal de contas, isso é uma grande publicidade para êles. E aumenta assustadoramente a venda de folhetos musicais e de discos, o que não deixa de ser compensador. Espetáculo agradável, como passatempo. Diverte.

Cotação artística: 2 — Cotação comercial: 3,1/2.

O QUE A VIDA ME NEGOU
(Walk Softly Stranger, R.K.O.)

Baseado num cenário de Frank Fenton, êste filme conta-nos a história de um jogador profissional que resolve praticar um assalto, em companhia de outro jogador, com cujo lucro passaria a viver «honradamente» o resto da vida, numa cidade provinciana, sob outro nome, em virtude de ter ali conhecido uma pequena paralítica por quem se apaixonara. A primeira parte da fita é arrastada, monótona mesmo, mas cerca o espectador de uma curiosidade que só é satisfeita na última têrça parte, onde o filme cresce em proporções, graças ao esfôrço do diretor Robert Stevenson. Como o cenário está mal delineado, os tipos não são bem construídos psicològicamente, como era lícito esperar, o que desvaloriza o filme, a par de várias situações comuns, encontradas em dezenas de outras películas do gênero. Ainda assim, Stevenson consegue valorizar o filme, especialmente nas cenas de perseguição pelas ruas, e na perseguição final, culminando com uma capotagem espetacular. Mas cai novamente, pois o «mocinho» sai ileso, sem um arranhão, apenas com uma tipóia num dos braços — para justificar o desastre, enquanto a menina apaixonada justifica o seu amor, dizendo, na porta da penitenciária, que o esperará até que êle saia. Como dissemos, o filme se salva pela última têrça parte, onde Stevenson consegue impregnar certa dose de suspense, independente de mostrar seus méritos de bom diretor, como sua capacidade de vir a ser um bom realizador, com um bom cenário nas mãos. Joseph Cotten é o «herói», muito sêco, no início, e pouco mais convincente no final. Alida Vali, bonita, algumas vêzes, tem uma performance comum. Temos ainda Paul Stewart, Spring Byington, John Mc Intire, Jack Paar, e outros. Boa fotografia de Harry J. Wild e bom fundo musical de Frederich Hollander, com direção C. Bakaleinikoff.

Cotação artística: 2,1/2 — Cotação comercial: 3.

LOUCURAS DO CORAÇÃO

Filme inglês, com uma história sentimental que descamba, inevitàvelmente, para o dramalhão barato, não só por culpa da cenarização como, e especialmente, pela direção deficiente. Uma jovem conhece um rapaz; ambos se apaixonam. Sùbitamente ela enfraquece da vista e termina por ficar completamente cega. Refugia-se num convento por algum tempo e sai à procura de emprêgo, mas o rapaz ainda a esperava. Casam-se. Êle a leva para o seu castelo, nas colinas, onde vive com sua família, cheia de tradições, inclusive desgostosa por ter êle se casado com uma moça imperfeita. Entra em cena a outra personagem, uma jovem loura que ama o mesmo rapaz e que o cobiça para marido, tudo fazendo para matar a jovem, levando-a a um rio e largando-a na correnteza, etc. Passados alguns metros de celuloide, a pequena opera-se e torna a enxergar, sem contar nada a ninguém e volta para o castelo para descobrir quem tramava contra seu destino. E descobre. E no fim tudo dá certo, e vivem felizes... até a próxima sessão, onde se inicia novamente a mesma desgraça.

Cotação artística: 1 — Cotação comercial: 2.

SOMBRAS DO PASSADO
(Miroir, França-Filmes)

Filme francês, com Jean Gabin. Argumento bem urdido e cenarizado com inteligência, focalizando a história de um homem do alto mundo dos negócios, em sua eterna luta pelo monopólio do jôgo. Certo de que está acima de qualquer fôrça, nada o impede de avançar cada vez mais para o alto, protegido por meia dúzia de capangas, até o dia em que seus supostos amigos se viram contra êle, com o mesmo objetivo de galgarem sòzinhos as alturas do poder. Surge a luta declarada, guerra de nervos, onde o mais forte será o vencedor. Há alguns retrospectos de sua vida passada, vindo da miséria, onde lutava ao lado de um grupo de anarquistas, até o momento em que se transforma num burguês inconsciente. A direção de Raymond Lamy é vigorosa e violenta, mantendo um ritmo agitado em todo o desenrolar da história e aparentemente calmo em alguns trechos, pois o nervosismo latente que se esconde no íntimo de «Miroir» contagia o próprio espectador. Entre as cenas mais cruas e mais cinematográficas, destacamos o assassinato brutal e frio naquele casebre abandonado, e o tiroteio final, (ainda que provocado pelo cenarista), dentro do próprio cemitério, culminando com a morte de Gabin, que cambaleia e cai dentro do túmulo aberto, que aguardava o cadáver de sua vítima. E' um filme violento que, embora fictício, contém muito da verdade é da vida dêsses magnatas do alto mundo, onde a ambição não tem limites e a ânsia do lucro não tem freios, dêsses donos de «trusts» que pretendem algum dia ser os donos do mundo e que não conseguem sequer ser donos de si mesmos.

Cotação artística: 3 — Cotação comercial: 3.

ROTEIRO DE . . .

(Cont. da pág. 27)

que o diretor, efetivamente, logrou aproximar-se de um estilo que poderíamos chamar franciscano. Os atores são quase na sua totalidade amadores (muitos dêles verdadeiros monjes franciscanos), à exceção de Aldo Fabrizi, que nos oferece uma interpretação caricatural e medíocre de um cruel senhor medieval.

A intensificação artística em que está empenhado o govêrno argentino, por intermédio dos organismos competentes, tem oferecido no ano findo magníficos espetáculos. Desde a série de concertos que tem convertido Buenos Aires num dos centros musicais mais importantes do mundo, até as representações teatrais, onde os artistas, diretores e técnicos assumiram a responsabilidade de animar expressões altíssimas do drama universal, como essa maravilhosa "Ferazinha Domada", de Shakespeare, representada no Teatro Cervantes ou o inesquecível espetáculo de "Eletra", de Sófocles, nas escadarias imponentes da Faculdade de Arquitetura. Tudo isto assinala de forma eloqüente e com notáveis características o tempo da recuperação de valores espirituais que pareciam naufragados, há anos, com o sensualismo de uma época cruamente materialista.

Eloqüentes também foram "Prontuário" (Cadastro), a excelente peça policial, que incorporou ao panorama dos diretores teatrais argentinos uma figura por demais conhecida dos platenses: Luis Sandrini. "A Morte de um Viajante", de Arthur Miller, foi espetáculo acima do nível geral do teatro argentino, cuja expressão, apesar de tudo, deixa a desejar, quanto à qualidade, à ribalta brasileira. Entretanto, ùltimamente, o teatro dêste país tem melhorado bastante com o incentivo das autoridades. Quem chega do exterior, se surpreende com a madureza que a Argentina apresenta na importação da cultura universal. Centros seculares, tão povoados como Buenos Aires, não contam, numa mesma temporada, com a brilhante e imensa lista de famosos artistas teatrais com que se assegura esta capital. E êsse fator beneficia, indubitàvelmente, o próprio teatro argentino. Repetimos, o movimento teatral argentino tem conseguido, nestas últimas temporadas, uma jerarquia tão pronunciada, que já não repercute tão sòmente dentro dos limites locais, mas, também, fora das próprias fronteiras argentinas.

E' o exemplo de "As árvores morrem de pé", com tanto êxito representada no Rio por Dulcina de Morais, que daqui levou a peça para terras brasileiras. Mas, da Alemanha informa-se que dita obra constitui um sucesso na cidade germânica de Stutlgart e que a mesma teve acolhida tão favorável por parte do público, que tem sido incorporada à programação de diversos teatros de Hamburgo e Berlim. Foi traduzida para o alemão por Lote Kornell e com o título de "Beaume sternem sufrecht". Para a obra de Alexandre Casona a crônica teatral alemã teceu os maiores elogios e é de esperar-se que, devido a seu êxito, "As árvores morrem de pé", viva no espírito dos habitantes da austera nação germânica.

Melodias para você

IMPOSIBLE
BOLERO

Agustin Lara

Yo sé que es imposible
que me quieras
que tu amor para mi
fué pasajero
y que cambias tus besos
por dinero,
envenenando asi
mi corazón.
No creas que tus infamias de perjura
suscitan mi rencor para olvidarse
te quiero mucho más
en vez de odiarte
y tu castigo se lo dejo a Dios.

★

OLHOS VERDES

Samba de Vicente Paiva — Gravação de Dalva de Oliveira

Vem de uma remota batucada
Essa cadência bem marcada
Que uma baiana
Tem no andar
E nos seus requebros e maneiras
Na tôda graça das palmeiras
Esguias e altaneiras
A balançar.

São da côr do mar, da côr da mata
Os olhos verdes da mulata
Tão cismadores e fatais
Fatais.
E no beijo ardente e perfumado
Conserva o travo do pecado
Dos saborosos
Cambucás.

★

SIN IMPORTANCIA
BOLERO

Nuestro romance comenzó
Sin importancia
Con aquel bezo que te di
Sin importancia

Y vivirá para nos dós
Eternamente
Aquel amor que comenzó
Tan suavemente
Después passó lo que passó
Sin importancia
Fué aquele querer
Qual amarada de esperanza
Esse romance que empezó
Sin importancia
Y terminó para nos dós
Sin importancia.

A PEDIDOS

B A L L E R I N A

Fox de Bob Russel e Carl Sigman

Dance, ballerina, dance!
And do your pirouette in rhythm
With your aching heart;
Dance, ballerina, dance!
You mustn't once forget a dancer
Has to dance the part.
Whirl, ballerina, whirl!
And just ignore the chair
That's empty in the second row;
This is your moment, girl,
Altho' he's not out there applauding
As you steal the show.
Once you said his love must wait its turn,
You wanted fame instead;
I guess that's your concern,
We live and learn;
And love is gone, ballerina, gone,
So on with your career;
You can't afford a backward glance.
Dance on and on and on;
A thousand people here have come
To see the show,
As 'round and 'round you go,
So, ballerina, dance... dance... dance.

DO FILME "TRÊS PALAVRINHAS"

THREE LITTLE WORDS

Three little words
Oh, what I'd give for that wonderful phrase
To hear those three little words
That's all I'd live
for the rest of my days
And what I feel in my heart
They tell sincerely
No other words can tell
it half so clearly
Three little words
Eight little letters
Which simply mean
I love you.



Fred Astaire, Vera Ellen, Red Skelton e Arlekne Dahl, «astros» do musical «Três Palavrinhas»

MY SUNNY TENNESSEE

I wanna be in Tennessee
In my Dixie paradise
An angel's voice I hear
I mean my mammy, dear
I'd give my soul if I could stroll
Down among those hills again
For all the world would not
be dreary then
I'd love to go to sleep and know
That tomorrow I'd arise
Beneath those southern skies
Where songbirds harmonize
Lawdy, hear my plea
Make me what I wanna be
A rolling stone just rolling home
To my sunny Tennessee!

★

WHO'S SORRY NOW?

Who's sorry now?
Who's sorry now?
Whose heart is aching
For breaking each vow?
Who's sad and blue?
Who's crying, too?
Just like I cried overyou
Right to the end
Just like a friend
I tried to warn you
somehow
You had your way
Now you must pay
I'm glad that you're sorry now
Right to the end
Just like a friend
I tried to warn you somehow
You had your way
Now you must pay
I'm glad that you're sorry now.

★

THINKING OF YOU

Why is it I spend the day
Wake up and end the day
Thinking of you
Oh why does it to this to me
Is it such bliss to me
Thinking of you?
And then I fall asleep
at night it seems.
You just tiptoe into all my dreams
So I think of no other one
Ever since I've begun
Thinking of you.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

CONFISSÃO

(Cont. da pág. 20)

de Marta", são alguns dos títulos escolhidos. Nem tôdas acabam bem. Muitas são amargas, desiludidas, um pouco cínicas. Mas, de todo modo, vou continuar. Pretendo escrever, depois do carnaval, uma história, cujo personagem principal, uma espécie de galã-vilão, é uma estação de Rádio. E muita gente boa vai aparecer. E' por isto que escrevo novelas. Ou, talvez porque vendo bem a minha mercadoria.

ABRINDO CAMINHO. . .

(Cont. da pág. 11)

ordem para destruir um daqueles ninhos anti-tanques, sob uma daquelas cêrcas. Joe transmitiu-me as ordens e eu me incumbi de executá-las. O nosso "team" de bazookas — Jimbo e Henderson, Dominick e Finley — fizeram a coisa de maneira que os tiros de Jimbo cortassem a cêrca como tesouras. Todos ouvimos as explosões e pouco depois tivemos conhecimento dos sucessos do empreendimento.

— Okay! — gritou Joe. — Para a frente! Vamos apanhá-los!

Quando o nosso trabalho estava concluido, Hale se aproximou, acompanhado do carregador de seu rádio.

— Trabalho muito bem feito, Pete — disse-me êle.

Soergui o meu olhar e fitei-o de frente:

— Foi idéia do tenente, não minha — respondi.

Isto o deixou embaraçado. Olhou para Joe, ciumentamente e resmungou:

— Okay... Mallory. Você usou dos meios que tinha...

— Foi simplesmente o que aprendi na escola de oficiais em Fort Bennington, Capitão.

Por um instante, tive a impressão que Hale ia sorrir, mas o carregador do rádio interrompeu, para avisar que havia um chamado para êle. Então, Jimbo nos chamou e o encontramos debruçado sôbre o corpo de Henderson. O nosso Tio Roy não teve o prazer de ver um mundo livre de japonêses e alemães...

Noção de tempo foi uma das coisas que perdemos logo após chegar à Normandia. Continuávamos lutando, ajudados pela artilharia na retaguarda, um bocado mais forte do que no principio, quando vimos o prefeito e a sua filha alçarem uma bandeira branca, detrás de uma das cêrcas, em nossa frente.

A principio, supomos que fôssem apenas mais alguns alemães, e foi a moça quem desfez as nossas dúvidas.

— Não me matem! — gritou ela. — O meu *papa* é o prefeito.

Olhei para Joe e êle, balançando afirmativamente a cabeça, me deu um "okay". Corri para os dois e os trouxe para a nossa trincheira. O homem falava delirantemente:

— *Arretez ce fusillade, le bombarde! Ne detruisez pas le village.*

A sua filha nos explicou que o seu pai era o prefeito da vila de St. Andre de l'Epine, um centro turistico. Se destruissemos a vila, as atrações da cidade desapareceriam. Os alemães haviam fugido.

— Quando os animais se retiraram? — Joe estava sendo cuidadoso.

— Quando vocês começaram a lutar aqui.

Acreditamos no que nos disseram e, por isso, Joe chamou Hale e, através do telefone de campanha, pediu-lhe para comunicar ao Estado-Maior.

Fiquei bastante perto de Joe para ouvir a voz de Hale.

— Chamarei o batalhão. Enquanto isso, faça uma busca e veja o que mais pode descobrir.

O tenente primeiro tomou algumas providências, fazendo sensatas perguntas à moça. Por que os alemães fugiram? Quantos tanques tinham? Continuava o interrogatório quando, de repente, o silêncio foi quebrado por um infernal barulho de tiros de canhões.

Sùbitamente, o gordo e pequenino Cheval se abraçou a Joe.

— *"Merci! Merci, monsieur!"* — creio que era aquela a primeira vez que Joe era beijado por um homem e parecia bastante incomodado. Um assobio no telefone o salvou. Era Hale novamente.

— O Batalhão quer que primeiro você leve um pelotão e faça um reconhecimento a fim de saber se essas pessoas estão dizendo a verdade. Leve um telefone com você. Esta vila é o ponto estratégico de uma importante encruzilhada da estrada que leva a St. Lo. Seja cuidadoso e se farejar que tem qualquer coisa errada nessa história, volte imediatamente e bombardearemos a vila.

Estendendo o fio do telefone, enquanto se dirigia para a cidade, a patrulha se afastou. Joe a comandava e levou consigo Rojeck, Finley, Jimbo e Nelson. Obrigaram os Chavels a caminharem em sua frente, em caso de armadilhas. Nós outros ficamos nas trincheiras e os contemplamos desaparecer na distância.

— Talvez devêssemos tê-la mantido aqui como uma espécie de refém... — suspirei apaixonadamente.

Mas, não era nenhum truque. Os alemães haviam mesmo se retirado de St. Andre. Mais tarde entramos na cidade de "jeep". Os nativos da vila tiveram bastante prazer em nos dar as boas-vindas. Tive ensejo de espiar o "Velhote" enquanto êle esperava por um relatório. Parecia que estava sentindo-se muito mal e deixava marca em todos os objetos que tocava.

— Descobrimos o lugar onde êles entraram na estrada — Joe comunicou, finalmente. — As marcas no chão indicam pelo menos dois tanques e infantaria. — Então, êle desligou.

Em Santo Andre as coisas haviam esquentado. Quase de noite, um alemão atirara do alto da tôrre em nossos homens que se encontravam na praça. Antes que os nossos homens, liderados por Hale, chegassem até a tôrre e atirassem contra o nosso inimigo desconhecido, Jimbo Hollis estava morto e um outro homem gravemente ferido. A atiradora era uma colaboracionista nazista.

Hale acabava de descer quando recebeu um segundo chamado de Joe. O contra-ataque começou enquanto Joe fazia o seu comunicado. Os projéteis dos nazistas caiam em torno de nós como ovos de gafanhotos. Os edificios começaram a ruir.

Joe, em campo aberto, reportou que estava entrincheirado num lugar onde podia observar o inimigo se aproximar. "Tanques e infantaria" — ouviu-o dizer.

— Dê-me as coordenadas, depressa — gritou Hale e imediatamente Joe deu a posição dos inimigos. Hale marcou-as num mapa. — Mandarei a artilharia bombardear. Fique onde está, Joe. Bell lhe levará refôrço.

Já me achava a caminho, quando êle chamou o Centro de Direção de Fogo.

Os alemães usaram tudo o que podiam àquele dia. Respondiamos com a artilharia, infantaria e tanques.

Antes do anoitecer, êles já estavam recuando uns sôbre os outros. Antes da noite, Dominick, também, estava fora do "brinquedo". Com as pernas mutiladas, foi enviado para o hospital, ainda jurando que seria um senador. Quando a batalha terminou, fomos postos em caminhões e enviados à retaguarda para descansar.

Sempre me lembrarei daquele repouso. As nossas barracas se dispersavam entre as árvores e dormiamos, pela primeira vez, longe do barulho da luta. Tomamos banho e fizemos a barba. Alimentamo-nos e escrevemos para casa. O caminhão da Cruz Vermelha parado

DANNY KAYE

(Cont da pág. 24)

Artur Rubinstein, pianista que trabalhou com Danny Kaye, observou certa vez: "Eu não me sinto tão divertido quanto comovido". Philip Rapp, que escreveu o roteiro de "The Inspector General", em colaboração com Harry Kurnitz, considera Kaye como o maior imitador do mundo. Afirma êle que se Kaye precisar aprender violino para um ato teatral, em duas semanas conseguirá aprender o suficiente para se sair bem. Kaye é um comediante extremamente fluente: basta ler uma vez uma página de diálogo para ficar sabendo o seu papel. No cinema, Kaye encontra dificuldades porque as pessoas presentes — para as quais interpreta — não podem rir e aplaudir quando está funcionando o aparelho de gravação de som. Quando a cena é filmada com uma câmara "silenciosa", para serem posteriormente acrescentados ao filme os diálogos e efeitos de som, Danny consegue interpretar com perfeição tôdas as seqüências, reagindo assim aos risos dos assistentes.

Sempre que possivel, os escritores de roteiros deixam a Danny oportunidade para inventar seus próprios movimentos em cena. Com freqüência, Danny inclui suas próprias frases e expressões, que são registradas em fita magnética e em seguida incorporadas ao "script" depois de filmada a cena final.

Há vários anos, no "Hollywood Bowl", anfiteatro ao ar-livre, foi apresentada a habitual "Hollywood Night", espetáculos de que participam astros talentosos ou não. Danny tinha sob sua responsabilidade o último número do programa. Entrou, acompanhado por sua espôsa Sylvia, êle com traje a rigor e ela com um vestido simples. Sylvia sentou-se ao piano e Danny cantou "Molly Malone" com tanta delicadeza que os espectadores precisavam fazer fôrça para ouvi-lo. A platéia esperava um dos atos tipicos de Kaye e êste ofereceu-lhe uma balada séria e sentimental. Depois de mais um ou dois números, foi impossivel fazer cessar os aplausos.

Finalmente, Kaye ergueu as mãos e disse: "Eu sempre desejei saber como me sentiria permanecendo aqui e vendo cada um acender um cigarro ao mesmo tempo". Imediatamente, começaram a aparecer focos luminosos, um aqui, outro acolá, depois outros e outros, até que todo o "Hollywood Bowl" ficou iluminado. Nesse momento, Danny recuou um pouco e disse: "Muito obrigado a todos e que Deus os abençoe". Em seguida, ambos se retiraram, o comediante mestre e sua dama.

ANTOLOGIA . . .

(Cont. da pág. 14)

Sente a boa música, mas não poderia nunca citar um compositor nem a música de sua predileção. E' incapaz de cantarolar um fragmento de música de carnaval.

E' contra a bomba-atômica e contra qualquer espécie de bomba, inclusive a bombinha de S. João, ou traque.

ANTOLOGIA: Liguem o receptor, diàriamente, para a PRE-3, das 12,30 às 13 horas, e ouçam o homem.

nas proximidades estava cheio de pequenas que nos alimentavam tanto com sorrisos e música da América, como, também, com café e "doughnuts"...

Hansen, que já estava curado e se juntara ao nosso pessoal, nos informou da chegada de um novo exército. Era o Terceiro exército, comandado por Patton, com mais tanques do que jamais tinhamos visto, para trespassar aquelas malditas cêrcas. Uma leva maior ainda estava para vir, embora ninguém soubesse exatamente quando.

Havia uma W.A.C., a mais bonita segunda-tenente que já vi em tôda a minha vida, por quem me apaixonei com a loucura de um homem que não vê uma mulher há bastante tempo. O seu nome era Janis e me deixou levá-la ao cinema como se eu tivesse louros dourados na manga de minha túnica. Depois do cinema dei-lhe um beijo... bem, mas comecei a contar foi a história de Joe e Hale e não vamos entrar nos detalhes de minha história...

Os chefes se reuniram em conferência, inclusive Hale, e pouco depois soubemos que o Primeiro Exército — nós — deveria abrir um buraco nas linhas alemãs para que Patton pudesse entrar com os seus homens.

Creio que foi na conferência que, os maiorais perceberam que as mãos de Hale não paravam de suar e a situação em que se encontravam os seus nervos e imediatamente concluiram que se tratava de um caso de cansaço de batalha.

Segundo chegou ao nosso conhecimento, o coronel convidara Hale para trabalhar junto aos chefes, pois ali se necessitava de um assistente. Assim, o "Velhote" foi retirado do serviço ativo.

Quando lhe perguntaram, enquanto êle estava sentado, com as mãos suando, quem êle indicava para o substituir no comando, o "Velhote" não hesitou um segundo:

— Joe Mallory. O melhor chefe de pelotões do exército. Dêem-lhe uma barra de prata. Êle a merece.

Garanto que se alguém me tivesse desferido um golpe com uma pena de beija-flor eu teria desmaiado ali mesmo. Mas, Hale, mostrando-se ainda um sujeito duro por fora, chamou Joe à sua barraca àquela noite e lhe deu uma barra de prata, o que significava que agora Joe era capitão. Mais tarde, Joe me contou parte do que êle lhe dissera.

— Já suportei bastante ter de interpretar o papel de sujeito que tem de fazer muitas decisões. Estou com mêdo de fazer mais decisões, Joe. Isto me torna um risco perigoso. Assim, não mais tomarei decisões. Fui até forte de mais, para agüentar tanto tempo.

Joe ficou sem saber o que responder.

— Isto significa uma promoção para o senhor.

— Qual nada! E' um modêlo. Quando se começa a perder a confiança numa pessoa, esta é enviada para o quartel-general por cinco ou seis semanas. Mandam-na depois para um hospital — Hale estava sentado em sua cama, com a expressão de um sujeito que tem chumbo no estômago. — Joe, não queira saber da história de nenhum de seus homens. E' conhecendo-os — o que êles foram, o que pretendem ser — que arruina um chefe. Acontece que, quando êles sangram, você também sangra, e quando um dêles morre, um pedacinho de você também perece. Êste é o enigma, Joe. Não se pode exigir que os homens lutem sem se aproximar dêles. Aproxime-se dêles de mais e não há de querer que êles lutem. Bem, é a sua companhia agora, Mallory. Boa-sorte...

E' uma coisa interessante. Um dia, eu estava formando o pelotão em coluna de quatro, não muito depois disso, quando um caminhão parou perto de nós e um jovem segundo-tenente, saido recentemente do treinamento em Fort Benning, me perguntou por Joe Mallory. Levei-o até onde Joe se encontrava.

Joe estava sentado em sua cabana e olhou para o jovem. Mas, reparei, escrutinava-o com os olhos de Tom Hale, não com os de Joe Mallory. Examinou os papéis que Johnson lhe entregou. Soergueu novamente os olhos, parecendo frio como gêlo. Uma máquina humana — pensei.

— Johnson, — disse êle — se você fôr tão bom sob o fogo como o é no papel, nos daremos bem. Em caso contrário o reclassificarei e o mandarei de volta para treinamento mais intensivo. *Visto?*

O rapaz, que entrara com visiveis intenções de bancar o amigo, tomou uma posição ereta.

— Sim, senhor.

— Saimos daqui hoje à noite e você tomará conta do melhor pelotão do exército. Até aprender de que se trata é apenas um mensageiro do Sargento Bell. Lembre-se disto. *Visto?*

Depois de Joe Mallory ter tomado o "jeep" para tratar de nossa volta imediata ao "front", o jovem Johnson, de meu lado, balançou a cabeça, aterrorizado e, enquanto olhava o carro que desaparecia ao longe, murmurou:

— O "Velhote" é um bocado "teza", não é?

— "Velhote"? — aquilo me espantou um pouco, mas logo me recuperei. — Não o deixe fazê-lo de joguete em suas mãos, tenente. Êle é um bocado sentimental por êste pelotão. Era dêle antes de o promoverem a comandante da companhia. Vamos embora nos preparar.

E nos preparamos. Nunca, na história do homem, houve tanto chumbo, pólvora, aço e músculo humano juntos para um "ponche" de domingo. Não restou bastante da cidade de St. Lo nem para dizer qual fôra o nome da cidade. Mas, tomando-a, facilitou-se a entrada para a Normandia.

Marigny, Coutance... em todos os lugares os tanques de Patton perseguiam os alemães que fugiam, pisando-lhes no calcanhar. Através de tôda a França lutamos, sangramos e muitos de nós morreram. Mas foi a abertura que conseguimos efetuar em St. Lo que tornou isso possivel, após quatro anos de trabalho.

Talvez você ainda se lembre daqueles cabeçalhos. Odeio ter de repeti-los. Mesmo sob o comando de Tom Hale. Mesmo sob o comando de Joe Mallory.

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º
São Paulo
Remessas pelo Reembolso Postal



AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK





JOSE' LEWGOY

NASCEU em Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul. Estudou na Universidade de Yale, Estados Unidos da América do Norte. Teve experiência teatral, antes de entrar para o cinema brasileiro. E foi empregado em uma livraria também. Suas experiências datam de três anos atrás, nos estúdios e fez o seu segundo filme, no papel de «Anjo» que lhe deu a popularidade que hoje desfruta. Pela ordem é esta a relação das películas em que figurou: «Quando a noite acaba», no papel de um «gangster» de segunda ordem; «Carnaval no Fogo», no papel de um «gangster» de futuro; «Katucha», no papel de um escroque, explorador de mulheres; «Cascalho», no papel de um aventureiro da mineração; «Maior que o ódio», numa «ponta recomendável»; «Aviso aos Navegantes» no papel de um espião. Lewgoy é talentoso e tem uma máscara muito expressiva. Leciona em um dos cursos do Serviço Nacional do Teatro. Pretende interpretar a figura de Santos Dumont, numa próxima realização de Alberto Cavalcanti. Tem trinta anos de idade.

ANTONIETA MORINEAU

SEU verdadeiro nome é Antoinette. Filha da famosa atriz teatral Henriette Morineau. Nasceu no Brasil. Estudou no Colégio Sion. Fala corretamente o francês, o inglês, o espanhol. Lê Rostand no original e declama como Sarah Bernhardt (E daí?...) Fez pontinhas no teatro. Sua grande experiência é como estrêla de cinema no papel da fabulosa Anita de Mário Donato em «Presença de Anita», produção da Maristela de S. Paulo a ser lançada pròximamente. Antonieta é bonita, tem cabelos castanhos, olhos também castanhos, 19 primaveras, e é alegre e enxuta como uma autêntica filha do Rio de Janeiro. Se «Presença de Anita» obtiver êxito popular, êsse êxito será assegurado e continuado com «O Comprador de Fazendas», «A Última Noite» e «Homem Montado no Cavalo Marinho», próximas produções da Maristela. Antonieta é solteira e não tem compromissos com Cupido, no momento. O seu sorriso franco e jovial é uma das coisas mais gostosas que possui, bem como um corpo bem alinhavado e uma elegância carioca que lembra uma parisiense em São Paulo...

NASCEU em North Hollywood, Los Angeles, California, a 5 de março de 1936. Tem cabelos e olhos castanhos. No cinema desde 1945. Já apareceu nos seguintes filmes: «Marujos do Amor», «O Vale da Decisão», «Abbott & Costello em Hollywood» (1945); «Anos de Ternura», «Lar, doce tortura», «O Poderoso McGurk» (1946); «O Caso Arnello», «Reconciliação», «Canção dos Acusados», «A luz é para todos» (1947); «O Orfão do Mar», «O menino de cabelos verdes» (1948); «Capitães do Mar», «O Jardim Encantado», «O Testamento de Deus» (1949); «Kim» e «The Happy Years» (1950-51). Já filmou para a Fox e a RKO Rádio, mas é astro contratado da Metro-Goldwyn-Mayer. Bonitinho que só vendo. E talentozinho, também. Não é menino-prodígio, tá? Felizmente. Mas sabe ser expressivo nas grandes cenas dramáticas. Né? Aos 14 anos, quase 15, é uma valiosa promessa. Se não falhar... nêle teremos um futuro Mickey Rooney. E a Metro sabe disso, né, Leão?

DEAN STOCKWELL



JUNE HAVOC



NASCEU em Seattle, Estado de Washington (não confundir com a cidade de Washington, D.C., valeu?), Estados Unidos da América, a 8 de novembro de 1916 (velhinha, né, velhinhos?). Mede 5 pés e 3 e meia polegadas de altura e pesa 116 libras. Cabelos louros-luzídios e olhos azulados. E' irmã da célebre novelista e «Luz del Fuego» americana, Gipsy Rose Lee, que se despe na Broadwoy com a maior naturalidade... Teve experiência teatral, mas não como a irmã. Várias pontinhas no cinema desde 1938. Casou em 1939 com Donald Gibbs, publicista novaiorquino. Divorciaram-se algum tempo depois e em junho de 1948 ela casou novamente com William Spier, brilhante escritor-produtor de rádio. Seus filmes mais famosos ùltimamente foram «A luz é para todos», «As garras da intriga», «A Cortina de Ferro», «Chicago Deadline», «Brasa Viva», «Mulher-Gangster». E' «free-lance» tendo filmado para a Fox, United, Paramount, Universal-International, etc. Em geral sabe ser melhor comediante que atriz dramática. E isso é bom, segundo o Leon: o mundo precisa rir!...

música

MÚSICA E TELEVISÃO

AGORA que já possuímos entre nós, embora ainda em primórdios, êste maravilhoso invento do século vinte, que é a televisão, ocorreu-nos a idéia de lançarmos desta nossa especializada seção, aos pioneiros de tão útil iniciativa, o nosso apêlo a fim de que seja dedicado um pouco de televisão à propaganda e à difusão, em nosso meio, da boa música. Já temos a televisão aplicada, e com sucesso, aos esportes, ao cinema, ao teatro de comédia e de revista, às artes e á literatura, na forma de conferências e também à difusão da música popular, esperamos, agora, que ela estenda as suas atividades ao campo da música verdadeira, instrutiva. Com a aproximação das temporadas de concertos e de óperas não faltarão oportunidades para que possamos apreciar, através do quadrado mágico da TV os grandes intérpretes da música universal, pianistas famosos, cantores de renome universal, intérpretes internacionais do repertório operístico. Todos êles desfilarão perante os olhos maravilhados e os ouvidos atentos dos ouvintes que por razões outras não possam apreciar **de visu** os seus ídolos. Quando os nossos organizadores e patrocinadores de programas conseguirem avaliar o quanto estarão contribuindo para a formação de uma mentalidade sã, amparando os programas de boa qualidade, dando-lhes o necessário apoio, a exemplo do que se verifica em outros países de formação mais avançada, para que sobrevivam em meio a tanta mediocridade existente no nosso rádio, poderemos então dizer que a TV conseguiu as suas finalidades máximas, as finalidades que todos nós esperamos: **educar, divertir** e **instruir.** Esperemos pois e façamos votos para que êste nosso apêlo não seja inútil, e que as iniciativas de reais méritos não sejam relegadas a plano secundário pelos donos do nosso rádio.

OSWALDO DA CUNHA



DEPOIS de reger com grande brilho a Orquestra Sinfônica de Israel, Eleazar de Carvalho transferiu-se para os Estados Unidos, de onde deverá chegar em princípios de março próximo, a fim de inaugurar a temporada de 1951 da Orquestra Sinfônica Brasileira, seguindo depois para S. Paulo e para às capitais do Prata. Eleazar de Carvalho embarcará em seguida para a Holanda, onde regerá vários concertos, em cumprimento ao seu mais recente contrato.

NOTICIÁRIO

PRÊMIO B. SMETANA. — Deverá ser realizado em Praga, Tchecoslováquia, de 21 a 31 de maio próximo, um concurso internacional de piano para a conquista do prêmio Bredich Smetana. Serão aceitas inscrições de pianistas de ambos os sexos e tôdas as nacionalidades, na idade de 15 a 32 anos. Os prêmios estabelecidos são os seguintes: 1º prêmio, 30.000 kes; 2º prêmio, 20.000 kes; 3º prêmio 15.000 kes; 4º prêmio 10.000 kes e 5º prêmio 5.000 kes. Para maiores esclarecimentos os interessados deverão procurar a Legação da Tcheco-Slováquia, nesta capital.

★

NOVIDADES NA LíRICA — Em nossas temporadas líricas raramente temos a satisfação de apreciar novas obras do repertório lírico, todos os anos assistimos ao desfilar inalterável das clássicas «Traviata», «Rigoleto», «Carmen» etc. Deviamos seguir o exemplo de outros centros musicais que procuram sempre apresentar novidades aos seus frequentadores, em Roma, por exemplo, na temporada dêste ano foram apresentadas novidades operísticas como «Mathias der Maler» de Hindemith, «Fidelio» de Beethoven, «Fiera de Sorocinzki» de Moussorgsky, «Pulcinella» de Strawinsky, «Orfeo» de Gluck e «Cosi Fantute» de Mozart.

★

PIANISTA CHILENO EM LONDRES. — Vem de se apresentar pela primeira vez em Londres, o pianista chileno Alfonso Montecino. Segundo opiniões da crítica londrina êste novo pianista mostrou-se mais seguro na interpretação dos compositores latino-americanos, não deixando, porém, de exibir uma aprimorada e vigorosa tecnica em tôdas as peças executadas. Nota-se neste novo artista que surge a influência nele exercida pelo seu compatriota Claudio Arran, embora Alfonso Montenegro deixe transparecer um brilho todo seu, bastante próprio e intenso. Sua execução foi descrita como definida e rigorosa.

Pausa para meditação



JEANNE CRAIN (FOX)

Notícias

Os Bogart chegaram rencentemente ao lar, depois de uma curta visita a Nova York. O casal parece mesmo que vive numa eterna lua-de-mel...

★

Tony Dexter foi a figura mais aproximada do tipo do imortal amoroso do cinema, Rodolfo Valentino, que o produtor Edward Small encontrou para viver na tela a vida do famoso e inesquecível ídolo do passado. Tony parece ter um futuro brilhante em sua frente, pois, independente de sua semelhança com o grande astro do silencioso, é atleta, dança e canta. O filme se chamará "Valentino" — e todos nós estamos torcendo para que o rapazinho não decepcione aos fãs de Rodolfo, que até hoje é lembrado com verdadeira adoração.

★

Cesar Romero terminou em Londres a filmagem de "Happy Go Lovely", ao lado de David Niven e Vera-Ellen. Cesar continua sendo um dos mais cobiçados solteirões de Hollywood, e não pretende tão cedo se casar. Dizem que não conseguiu esquecer o seu "primeiro amor".

★

Êstes são alguns dos nomes que surgiram durante o ano de 1950: Howard Keel, Sally Forrest, Keefe Brasselle, Piper Laurie, Tony Curtis, Peggy Dow, Jeff Chandler, Gene Nelson, Dick Long, e Mitzi Gaynor. De todos, Jeff Chandler parece ser o mais promissor.

★

Mel Ferrer, que se revelou não sòmente um bom ator (Fronteiras Perdidas), mas também um bom diretor, terminou, recentemente no México, sob a direção de Robert Rossen, o filme "The Brave Bulls", onde vive a perigosa e acidentada vida de um famoso toureiro.

★

Barbara Davis Sherry, filha de Bette Davis, faz seu "debut" no cinema ao lado de sua mãe no filme "The Story of a Divorce", da R.K.O. Quem sabe teremos uma nova tragiquinha?...

★

Glenn Ford passará a perceber agora 125.000 dólares por filme. E isso é bom, pois poderá levar sua espôsa Eleanor Powel, seus filhos, sua mãe e a enfermeira, para acompanhá-lo à Europa, onde estrelará "The White Road".

★

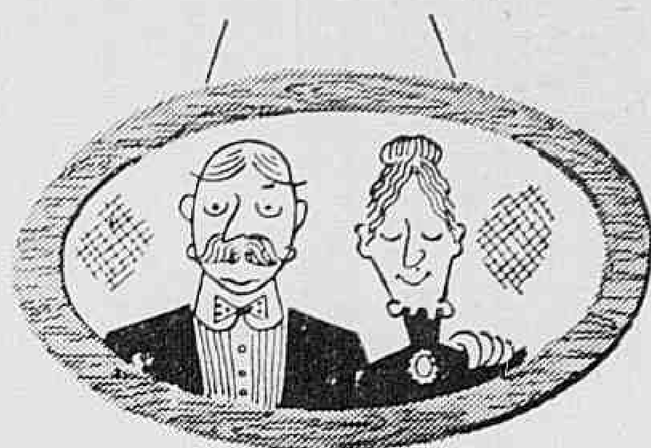
Arlene Dahl, aquela linda ruiva que vocês conheceram na película "Três Palavrinhas", recebeu tentador convite do govêrno francês, a fim de posar para algumas fotos de publicidade de turismo. Arlene, entre outras coisas, teria tôdas as despesas pagas, independente de um guarda-roupa que ficaria para ela. Seria uma ótima chance para dar o "sim" a Lex Barker... quanto à lua-de-mel em Paris.

★

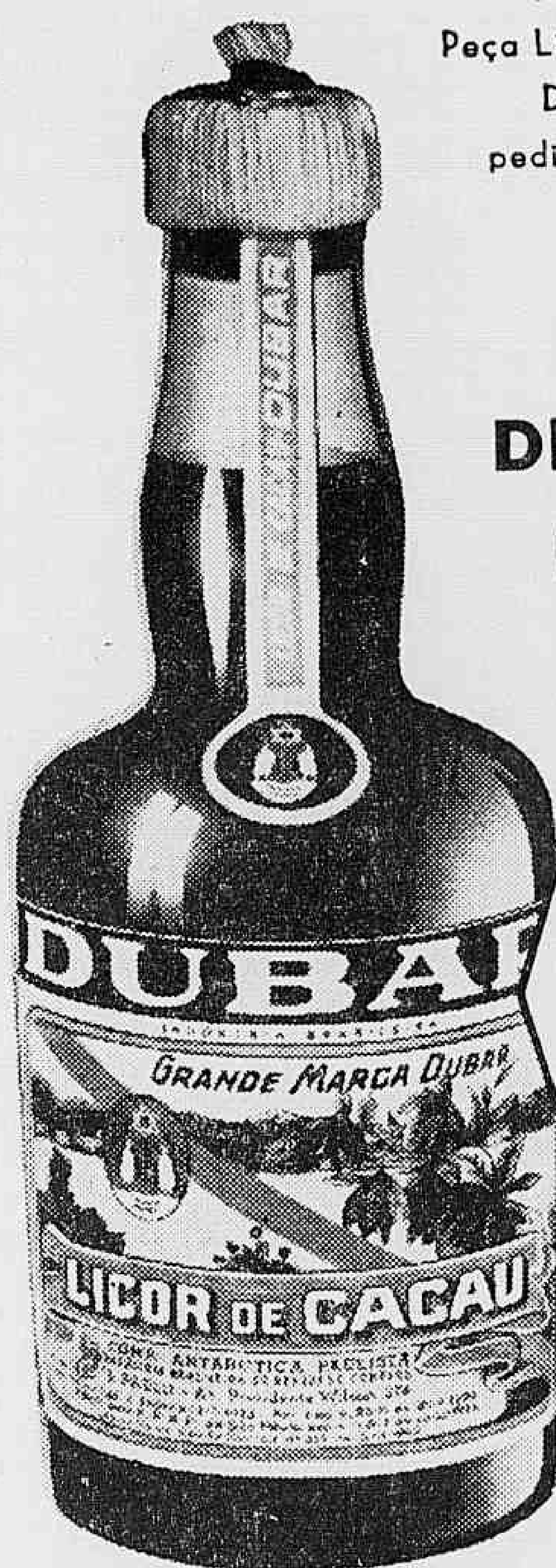
Kirk Douglas sente-se um rapaz feliz. E tudo porque em seu próximo filme "The Travelers" (western de luxo) êle poderá incluir seus dois filhinhos na película.

DE SABOR BEM NOSSO...

– o licor da família brasileira!



Há quarenta anos o
Licor de Cacau Dubar
vem deliciando
o paladar dos que
sabem escolher.
Peça Licor de Cacau
Dubar e estará
pedindo o melhor.



LICOR DE CACAU DUBAR

em ½ litro
ou 1 litro



DUBAR *há uma delícia Dubar para cada paladar*

Standard

RIO DE JANEIRO
Rua Riachuelo, 92

SÃO PAULO
Rua Frederico Steidel, 165 - 1.° andar

SANTOS
Rua Martim Affonso, 163

Conserve a sua péle limpa e macia...

SARDAS,
ESPINHAS
E
MANCHAS





Pomada SÃO SEBASTIÃO